



CAÁLA
INSTITUTO SUPERIOR POLITÉCNICO

DEPARTAMENTO DE ENSINO E INVESTIGAÇÃO EM HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA EM ENSINO DE HISTÓRIA

ANABELA CASSINDA NGOIA CANUTULA

**PROPOSTA DE RESGATE DO VALOR DO ONDJANGO, COMO ESPAÇO PARA A
DIVULGAÇÃO DA CULTURA OVIMBUNDU NO REINO DO BAILUNDO**

CAÁLA/2023

ANABELA CASSINDA NGOIA CANUTULA

**PROPOSTA DE RESGATE DO VALOR DO ONDJANGO, COMO ESPAÇO PARA A
DIVULGAÇÃO DA CULTURA OVIMBUNDU NO REINO DO BAILUNDO**

Projecto de final de curso a ser
apresentado ao Instituto Superior
Politécnico da Caála, como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Licenciatura no curso de Ensino de
História

Orientador: Anacleto Rodrigues Pesso

Muecália, MSc

Dedico este projecto de final de curso à minha mãe, pelo exemplo de coragem e simplicidade em suas metas, e que com muito carinho me ensinou a alcançar os objetivos, seguindo um caminho de justiça, e ao meu irmão Adérito (em memória), mas que continua sendo uma das minhas maiores inspirações.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, pela vida e por me ajudar a ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo do curso.

À minha mãe, que sempre me apoiou na realização dos meus sonhos, e aos meus irmãos que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência, enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Ao Instituto Superior Politécnico da Caála, na pessoa do seu Director geral, que me acolheu e nos proporcionou um ambiente de estudos durante os 4 anos de formação, a minha eterna gratidão;

Ao meu tutor, Anacleto Rodrigues Pessa Muecália, Msc., pelo acompanhamento, ajuda bibliográfica e paciência, na feitura deste trabalho.

Do fundo do coração exprimo os meus agradecimentos ao Departamento de Ensino de História e torno-o extensivo ao coletivo de professores, afectos ao mesmo, pela sapiência e pelo espírito de sacrifício em nos formatarem com aqueles conhecimentos necessários e que o mundo de hoje necessita;

Um especial agradecimento aos colegas de caminhada pelo espírito de camaradagem, fraternidade e solidariedade formando uma verdadeira família;

Aos meus amigos pelo suporte, pela compreensão das ausências e pelo afastamento temporário.

A todos os que participaram nos ensinamentos de forma geral, e que permitiram apresentar um melhor desempenho no meu processo de formação profissional,

O meu muito obrigada!

Cultura é uma construção histórica, seja como
concepção, seja como dimensão do processo social.

(SANTOS, 2006)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Apud. Expressão latina que significa “com”, “junto a”, “segundo”, “citado por”, “conforme”, etc).

Ed. Edição

etc (et coetera). Expressão latina que significa “e outros/as”

Ibidem. Expressão latina que significa “na mesma obra”

p. página

pp. páginas

Ministério da Administração do Território (MAT)

RESUMO

O presente trabalho, objectiva propor o resgate do valor do ondjango, como espaço para a divulgação da cultura ovimbundu, no Reino do Bailundo. Esse reino localiza - se no planalto central, província do Huambo, município do Bailundo. Trata-se de um reino cujo povo é etnolinguisticamente pertencente a cultura ovimbundu, a mesma é de origem bantu. Tem como foco, o ondjango, pois, para os ovimbundu, esse local é de valor significativo dentro de qualquer ombala/reino. Além de servir como centro de encontros para troca e partilhas de impressões, o ondjango serve também como casa da lei e escola cultural. Actualmente, no reino do Bailundo, tem se registado escassez de informações concernente a cultura em causa por parte dos jovens, tudo isso, por causa da desvalorização do ondjango, influenciado por factores internos e externos. Essa desvalorização está a fazer com que o ondjango perca a sua real função. Para se ultrapassar tais dificuldades, no presente trabalho fez-se a apresentação de algumas propostas de solução detalhadas na parte textual. Os métodos usados, se resumem em qualitativo e quantitativo. Os dados recolhidos tiveram como população alvo alguns cidadãos pertencentes a corte real e outros munícipes comuns. Desses obteve-se informações por meio de entrevistas e questionários.

Palavras-chave: Reino, Ovimbundu, Bailundo, Ondjango, Cultura.

ABSTRACT

This work aims to propose the recovery of the value of ondjango, as a space for the dissemination of Ovimbundu culture, in the Kingdom of Bailundo. This kingdom is located in the central plateau, province of Huambo, municipality of Bailundo. It is a kingdom whose people ethnolinguistically belong to the Ovimbundu culture, which is of Bantu origin. Its focus is ondjango, since, for the Ovimbundu, this place is of significant value within any ombala/kingdom. The ondjango, in addition to serving as a meeting center for exchanging and sharing impressions, also serves as a law house and cultural school. Currently, in the kingdom of Bailundo, there has been a lack of information concerning the culture in question on the part of young people, all of this, because of the devaluation of ondjango, influenced by internal and external factors. This devaluation is causing ondjango to lose its real function. In order to overcome such difficulties, in the present work, some detailed solution proposals were presented in the textual part. The methods used are summarized in qualitative and quantitative. The data collected had as target population some citizens belonging to the royal court and other ordinary citizens. Of these, information was obtained through interviews and questionnaires.

Keywords: Kingdom, Ovimbundu, Bailundo, Ondjango, Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 DESCRIÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMÁTICA	10
1.2 PROBLEMA CIENTÍFICO: QUE CONJUNTO DE ACTIVIDADES PODEM SER IMPLEMENTADAS PARA MINIMIZAR AS DIFICULDADES LIGADAS AO ACESSO Á INFORMAÇÃO SOBRE A CULTURA E TRADIÇÃO DOS POVOS OVIMBUNDU?	10
1.3 OBJECTIVOS.....	10
1.3.1 Objectivo geral:	10
1.3.2 Objectivos específicos:	10
1.4 CONTRIBUTO DO TRABALHO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA.....	12
2.1 UTILIDADE DA DIVULGAÇÃO DA CULTURA E TRADIÇÃO DOS POVOS OVIMBUNDU.....	12
2.2 ORIGEM DO POVO OVIMBUNDU	13
2.2.1 Localização geográfica dos povos Ovimbundu.....	16
2.2.2 Situação geopolítica do Planalto Central.....	16
2.2. ORIGEM DO REINO DO BAILUNDO	16
2.2.3 Origem do nome Mbalundu.....	18
2.2.4 Contextualização do Reino Antigo ao Actual	19
2.3. CONCEITOS DE ONDJANGO	25
2.2.5 Tipos de Ondjango, sua função e localização.....	26
2.2.6 Importância do ondjango	27
2.2.7 Que função tem o ondjango na cultura ovimbundu?.....	28
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
3.1 MODELO DE INVESTIGAÇÃO.....	30
3.2 TIPOS DE INVESTIGAÇÃO	30
3.3 MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO.....	30
3.4 TIPO DE AMOSTRAGEM	32
3.5 INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS – INQUÉRITO POR ENTREVISTA.....	32
4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	34
4.1 DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS INQUIRIDOS	34
4.2 DADOS DO INQUÉRITO	34

4.3	POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	35
5	PROPOSTAS DE SOLUÇÃO	43
6	CONCLUSÃO.....	44
7	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
	APÊNDICES.....	48

1 INTRODUÇÃO

A diversidade cultural e étnica do povo angolano é grande, sendo na sua quase totalidade de origem bantu. Essa população é ainda caracterizada por diferentes grupos etnolinguísticos, que se dividem em quase uma centena de subgrupos. E, de entre os grupos etnolinguísticos existentes, destacamos o grupo «Ovimbundu» que faz o foco do nosso trabalho.

O povo ovimbundu sendo resultado dos processos migratórios Bantu, tiveram como ponto de partida a região do Benué (afluente do rio Níger), expandiram-se por toda Africa Subsaariana por volta de 2000 ou 2500 anos, constituindo assim grandes estados a partir do século XIII. Uns desses estados organizados política, social e economicamente, foi a região de Halavala, que mais tarde passou a categoria de reino com a chegada de Katiavala Bwila I (fundador do mesmo entre 1700 a 1720. A área político - administrativa do reino é designada por Ombala e tem como autoridade máxima o rei ou o Ossoma Inene, ladeado por 35 autoridades considerados como membros da corte real. Na ombala existe ainda escolas que, antigamente serviam como centro de ensinamentos para todo tipo de conhecimentos para o consumo social e sobretudo assuntos directamente ligados a cultura ovimbundu. Essas escolas são designadas por Ondjango, que literalmente vem significando faculdade do reino ou da ombala. Mas, apesar de aos dias de hoje esses ondjango existirem, vê-se que a consideração que uma parte da população tinha pelo ondjango deixou ou continua a desfazer-se por meio da globalização. Portanto, nota-se a falta de informação e práticas no que concerne a cultura, sobretudo na camada juvenil.

O presente trabalho espelha sobre a proposta do resgate do valor do ondjango como espaço para a divulgação da cultura ovimbundu no Reino do Bailundo. O mesmo apresenta a função e importância do ondjango na cultura ovimbundu.

O projecto em posse, está estruturado da seguinte maneira: Capítulo I – Introdução, onde se vai descrever a situação problemática, objectivos da pesquisa e contribuição do trabalho. Capítulo II – Fundamentação teórica – empírica, onde será apresentada a utilidade da divulgação da cultura e tradição dos povos ovimbundu, origem dos povos ovimbundu, localização geográfica dos povos ovimbundu, Origem do Reino Mbalundu, origem do nome Mbalundu, Contextualização do reino antigo ao actual, conceitos de Ondjango, tipos de Ondjango, importância do ondjango. No Capítulo III – vai tratar dos procedimentos metodológicos, onde se vai apresentar o tipo de investigação, modelo de investigação e os

métodos de investigação; no Capítulo IV – far-se-á a Descrição e Discussão dos Resultados, onde se vai apresentar os resultados obtidos nas entrevistas e questionários, apresentação dos Capítulos convergentes e divergentes das informações segundo alguns autores ao estudo feito, através de entrevistas e questionários.

1.1 Descrição da situação problemática

Actualmente, é frequente deparar-se com dificuldades relacionadas com o acesso a informação sobre a cultura ovimbundu, por causa da desvalorização do ondjango que antigamente exercia um papel preponderante na educação e na resolução dos problemas da comunidade, e também por causa da falta de literatura bastante sobre a cultura e tradição dos povos ovimbundu, especificamente sobre a complexidade exigida no conhecimento da mesma cultura.

De formas a colmatar as dificuldades acima mencionadas elaborou - se a seguinte pergunta que faz o problema:

1.2 Problema científico: que conjunto de actividades podem ser implementadas para minimizar as dificuldades ligadas ao acesso á informação sobre a cultura e tradição dos povos Ovimbundu?

Em conformidade com a pergunta feita, criou - se a seguinte tarefa de investigação:

Proposta de resgate do valor do ondjango, para obter informações através da tradição oral, na geração actual, bem como a permissão ao acesso na pesquisa sobre a cultura em referência, para facilitar a construção da história local na base da literatura.

1.3 Objectivos

1.3.1 Objectivo geral:

Propor acções que visam resgatar o valor do ondjango como espaço para a divulgação da cultura ovimbundu, no Reino do Bailundo.

1.3.2 Objectivos específicos:

- 1) Apresentar a breve história do povo ovimbundu, assim como do reino do Bailundo.

- 2) Identificar o estado actual do ondjango, sua função e importância no reino do Bailundo.
- 3) Fomentar o interesse pela divulgação e aprendizagem da cultura ovimbundu, no Reino do Bailundo.
- 4) Criar mecanismos para a funcionalidade do ondjango no reino do Bailundo.
- 5) Elaborar acções que visam resgatar o valor do ondjango no reino do Bailundo.

1.4 Contributo do trabalho

O contributo do trabalho realizado, será de propor acções para o resgate do valor do ondjango, usado como escola para a educação da população, onde novamente se pretende realizar um conjunto de actividades didáctico-metodológicas, compreensivas e desenvolvedoras para a divulgação da cultura ovimbundu, de maneira que o mesmo povo de forma geral conheça e valorize a cultura, sendo que ela constitui uma referência básica para o entendimento dos aspectos sociais e políticos, definindo, com isso a matriz e o suporte da identidade, da tradição e da memória de qualquer povo e de qualquer sociedade, e que a mesma pretensão venha causar um impacto positivo nos povos sujeitos a essa cultura (ovimbundu), de formas a recuperar aquilo que por muito tempo foi e está sendo perdido, levando em consideração o factor modernidade que, por sua vez traz consigo as influências externas no âmbito da cultura também. A valorização da cultura, tem de ser dada primeiramente pela comunidade ou sociedade sujeita a mesma cultura e posteriormente, através das mesmas, a outras sociedades, e, que juntas vão passando os ensinamentos, transmitindo-os de geração a geração.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-EMPÍRICA

2.1 Utilidade da Divulgação da Cultura e Tradição dos Povos Ovimbundu

O grupo Ovimbundu, de origem Bantu, tal como tantos outros grupos de Angola, tem sua cultura e tradições que lhe caracteriza enquanto etnia e as mesmas continuam sendo seguidas. O mesmo grupo (ovimbundu) sobrevivia de diversas actividades como pesca, caça, agricultura e posteriormente a criação de animais.

De acordo FLORÊNCIO (2010, p. 12) Os Ovimbundu são o povo que mais teve participação activa na vida económica e social de Angola desde o contacto com os portugueses [...]. O autor, vai mais longe ao afirmar que essa participação deu-se sobretudo na construção do caminho-de-ferro em Moçâmedes, no corte da cana em Catumbela (Benguela), nas minas e pescas em Benguela, na recolha do café no Norte de Angola, por serem os mais numerosos e independentes em relação aos outros grupos outrora.

Levando em consideração a globalização, e de formas a evitar profundas influências sob o Capítulo de vista de subcultura, e de formas a preservar aquilo que identifica os ovimbundu enquanto etnia, é necessário lembrar sempre que possível, sobre a cultura angolana e de forma particular a cultura ovimbundu, passar o conhecimento aos mais novos e futuros mais velhos e detentores do mesmo conhecimento, porque tem se dito que pode-se esquecer de quase tudo, menos de suas raízes. Então, é essencial que aqueles que são detentores de mais conhecimento sobre a cultura ovimbundu ajudem aqueles que não possuem os mesmos conhecimentos, porque apesar de tudo, cultura é o conjunto de manifestações que caracterizam uma determinada sociedade. No caso da etnia em causa, vai ser o conjunto de hábitos e costumes, uma referência básica para o entendimento social e político, definindo a identidade da tradição e memória do povo ovimbundu. É importante que se viva e se divulgue a cultura para um bom entendimento social.

Como se refere CANEDO (2009, p. 9), “Cultura são todas as manifestações artísticas e expressões colectivas, hábitos e costumes de um povo. Tudo aquilo que identifica ‘uma gente’ com podo de uma terra, o que é peculiar a determinado grupo”. Não fugindo das ideias de REIMÃO (1996), quando diz: a cultura recebe-se do passado e transmite-se para o futuro. Se um elemento cultural deixar de ser transmitido, deixando de ter identidade e de ser memorizado, acabará por deixar de fazer parte da cultura da sociedade considerada (REIMÃO,1996. p.2).

2.2 Origem do povo Ovimbundu

Visto que a História é a memória do género humano, o que lhe dá a consciência de si mesmo, isto é, da sua identidade no tempo, desde a sua origem; é por consequência o relato do que no passado deixou marca na recordação dos homens, é essencial primeiramente fazer referencia a origem do povo que o presente trabalho frisa. Como se refere MALUMBU:

O termo «*Ovimbundu*» deriva da evolução semântica do termo *mntu* (*munthu*) que em diversas expressões linguísticas africanas, próximas a este termo, assumem um significado de pessoa. O termo *mntu* constitui a raiz da origem linguística comum dos ditos povos *Bantu* (*Banthu ou Vanthu*). Trata-se de povos que têm semelhanças linguísticas com bastantes traços comuns, fazendo remontar a origem desses povos não só de uma raiz linguística comum, mas também de uma origem étnica eventualmente mais próxima, em relação aos demais povos africanos. [...] A integração dos Ovimbundu do Planalto Central de Angola no grupo *bantu* é radicada no termo (*o «manu»*) plural do termo umbundu (*o «munu»*), isto é, pessoa. A origem do termo «*ovimbundu*» tem a ver com o termo umbundu (*mbu*) que é uma partícula adjectivante que designa a qualidade do que é preto, negro ou escuro [...] (MALUMBU, 2005, p. 57).

A origem dos Ovimbundu, segundo alguns historiadores, é resultado dos processos migratórios Bantu. De acordo GOUGEL e DIFUILA, 2017, a partida do povo bantu foi na região do Benué (afluente do rio Níger), África Ocidental, e invadiram o sul da África há 2000 ou 2500 anos, constituindo assim grandes estados a partir do século XIII até a chegada dos Europeus. Esses grupos de origem bantu se distribuíram em várias áreas formando também subgrupos etnolinguísticos. Por volta de 1600 instituíram cerca de quinze Estado políticos: o Wambu (Huambo), o Vyié (Bié), o Ndulu (Andulu), entre outros (GOUGEL & DIFUILA, pp 8, 20).

Afirma-se que os *ovimbundu* sejam os autores das pinturas rupestres de “*Kaniñili*”, que ao passar pela faixa Atlântica, fixaram-se em Benguela e posteriormente, dirigiram-se ao Planalto, nas terras de Wambu Kalunga (província do Huambo) e Viye (actual província do Bié), cujas terras eram as mais férteis já que esses eram agricultores. É pela linguística que alguns autores sustentam as hipóteses, na utilização dos termos em língua umbundu, assemelhando-se no entanto, ao do povo de Igbo da Nigéria. Dá-se o caso das frases: “*Suku yetu*” (nosso Deus), “*omanu vosi*” (todas as pessoas), “*twenda etali*” (vamos hoje), “*ocifuka co Afrika*” (o continente de África).

Os *Ovimbundu* são uma síntese de vários grupos étnicos angolanos e, consequentemente, não têm um carácter homogéneo, não são um grupo étnico unitário e muito menos têm uma especificidade cultural.

A grande versatilidade dos *Ovimbundu*, a sua impressionante capacidade de adaptação aos diversos “habitats” que não se ligam apenas a aspectos linguísticos e biológicos, mas também à adopção de saberes, técnicas, formas colectivas de luta contra a adversidade da natureza. Esta hipótese, a mais aceite pelos vários historiadores, viria a levar um rude golpe, criando assim várias dúvidas com a descoberta da estação arqueológica de *Kaniñili*, esta que foi achada nas áreas do Mungo e do Bailundo e remota há milhares de anos (cerca de 9600 ou 9670 anos em idade absoluta) o que mostra que, paralelamente as comunidades pré-bantu (Bosquímanos, Vátuas) existia na região do Planalto Central.

Quanto às causas ou motivações da instalação dos povos ovimbundu no planalto central, GOMES (2016) divide em duas que são: Causas primárias e Secundárias. Ao destacar as causas primárias, o autor explica da seguinte forma:

- Explosão demográfica: teoricamente oito pessoas por família em media, segundo constatação dos resultados do censo de 1960 (Coelho, J. G., 1966), alta natalidade e baixa mortalidade são as características dos Ovimbundu no planalto antes de 1975. Porém, levantamentos feitos entre deslocados de guerra do interior ao Dombe-Grande segundo relatório do Projecto Onjuluka da ADRA, e Ganda, segundo o relatório do PRM, no período compreendido entre 2000 e 2002, constataram que famílias planálticas eram constituídas por seis membros em media;
- Procura de novas e melhores condições de sobrevivência em função do desenvolvimento das forças produtivas tributárias entre os povos de origem etnolinguísticas de todas as entidades políticas instituídas no espaço que no século XIX passou a chamar-se Angola;
Com o fomento de actividades mercantilistas entre o ocidente e o oriente, aumentou o nível de exigência das famílias permitindo promover o êxodo da periferia ao centro.
- Aumento da procura e do exercício da exploração da metalurgia que além de ser um produto de exportação aos Estados vizinhos, a actividade itinerante e a caça exigiam das comunidades de origem etnolinguística Bantu, cada vez mais, o uso de metais.
De rica rede hidrográfica, com boas condições climáticas, propícias para a pratica da pastorícia, fertilidade de terras agrícolas, abundante caça, ricos mercados de consumo e de exportação, o planalto acabou sendo a região com todas as condições procuradas pela pessoa humana desde então. (GOMES, 2016, p. 28)

No que concerne as causas secundárias o mesmo autor diz o seguinte:

- Consequências de conflitos relativos a cisões políticas uterinas: foram entre outros, nomeadamente, as lutas pelo exercício do poder, acusações de feitiçarias, golpes de Estados, tráficos de escravos entre consanguíneos, etc.
- Fugas das guerras de resistência à penetração ocidental, ao longo da periferia do litoral e ao norte da foz do vale do Kwanza
As guerras de resistências desencadeadas por todo território face à penetração e ocupação colonial, permitiram as praticas de deserções, desistências e abandonos das acções militares e lugares afectados por parte de africanos.
As guerras de penetração promovidas pelos portugueses no Khongo e entre as nações Ambundu, entre os séculos XVII e XVIII (Cadornega, A. O., 1940), incentivaram o êxodo populacional ao planalto.
- Fomento do mercado negreiro, aquando dos contactos iniciais com os europeus e sertanejos (Santos, M. E. M., 1998) depois da vitoria do movimento

abolicionista internacional, acções desencadeadas entre o litoral e, posteriormente no interior;

Neste processo ficaram implicados entre outros, escravagistas, mercadores, evangelistas, garimpeiros, libertos.

Os povos de Angola, particularmente os de extracto Bantu a exemplo de Ambundu, Balunda, Cokwe, Vankhumbi, Nyaneka, Lwimbi, Ovambo, encontraram o «planalto central» como o lugar certo para um assentamento pós-chabá.

No geral, do norte e da faixa litorânea adjacente, vieram lideranças refratárias e desertoras, refugiadas de guerras, escravos escapados e libertos. Do leste e sul chegaram dissidentes políticos e militares desertores que, descontentes com a gestão dos seus países sem capacidade de influenciar à sua maneira, migraram e sob alianças com outros povos instituíram estados socioeconomicamente prósperos e politicamente estáveis. (GOMES, 2016, pp. 28, 29).

Como hoje, obviamente, também acontece que, as populações deslocam-se de uma à outra região em busca de qualidade de vida, os Bantu migraram devido a vários motivos entre eles às de carácter político (defesa e luta pela sobrevivência de um grupo face ao outro), as económicas (ligadas às calamidades naturais que faziam com que os Bantu procurassem terrenos mais férteis) e as acusações de certas superstições no seio de vários clãs (problemas ligados à sucessão ao trono).

Para NETO (1997), “os Bantu angolanos são originários do que se tem designado por 2º Centro Bantófono (Baixo Congo e Planalto Luba)”. O que de facto nos faz crer que os Ovimbundu seriam assim, descendentes dos Bantu que destacaram-se no Planalto Central.

Segundo Douglas Wheeler e Diana Christensen, os reinos Ovimbundu, que seriam cerca de vinte e dois nos primórdios do século XX, começaram a formar-se durante o século XVII em resultado da integração de grupos de populações Imbangala, ou Jaga, que se deslocaram do norte e nordeste do planalto e se misturaram com populações que já residiam na região (WHEELER e CHRISTENSEN, 1973, p. 55).

De acordo com Conceição Neto, estas populações Imbangala estavam relacionadas com os Lunda e os Luba, e a fusão com as populações do planalto resultou nos percursos dos actuais Ovimbundu (Neto, 1997). Os vinte e dois reinos Ovimbundu apresentam diferentes tipos de constituição e diferente importância política e social, e na sua maioria eram constituídos somente por uma ombala, unidade sociopolítica que reunia vários conjuntos de pequenas aldeias, liderada pelo ossoma, o soberano. Cada conjunto de pequenas aldeias, denominava-se de etambu, e era chefiado por um sekulu, ou chefe de aldeia, em geral membro do clã real do ossoma, por via patrilinear. O ossoma detinha o poder máximo, do Capítulo de vista político e religioso, era coadjuvado por um conjunto de conselheiros, os macotas, constituído pelos seus sekulu, por anciãos proeminentes do reino e membros da linhagem real do ossoma.

Os reinos mais importantes seriam os do Bié, Bailundo e Huambo, que pela sua dimensão (eram constituídos por numerosos conjuntos de olumbala) e a posição geográfica dominavam a quase totalidade do planalto central e do comércio caravaneiro com o interior do continente. Vários ollossoma, menos importantes, eram membros dos ollossongo reais do Bié, Bailundo e Huambo e dependiam, do Capítulo de vista político e religioso, destes soberanos (WHEELER e CHRISTENSEN, citado por FLORÊNCIO, pp. 83 e 84).

2.2.1 Localização geográfica dos povos Ovimbundu

Como é sabido, o povo ovimbundu tal como tantos outros povos que constituem o território angolano, também é subdividido em catorze grupos, tal como se refere GOURGEL e DIFUILA:

Os Ovimbundu que falam a língua umbundu são constituídos por catorze subgrupos: Vambui, Vapinda, Vasele, Ovisanji, Vambalundu, Vandombe, Vatchyaka, Vauambo, Vavyie, Vaanya, Vakakonda, Vangalanji, Vasambo e Vanganga. Os seus principais centros habitacionais localizam-se numa região que compreende toda a província do Huambo, Benguela, Centro leste do Bié, metade sul do Kwanza- Sul, uma parte da Huila e região Norte de Namibe (GOURGEL & DIFUILA, 2017, p. 20).

A fixação desses povos em diversas províncias de Angola, deveu-se a factores primários como a procura de melhores condições de vida no que concerne principalmente as condições climáticas propícias para a prática da agricultura, pastorícia, actividades de caça, e por conta disso, o planalto central acabou por ser a região procurada por esse povo Bantu.

2.2.2 Situação geopolítica do Planalto Central

Chama-se Planalto Central, tendo em consideração a sua localização geográfica em relação as outras partes que constituem o resto do país que praticamente o diferem.

Em termos de localização geopolítica o Planalto Central de Angola situa-se no Centro do país na zona tropical entre as latitudes sul: 11 e 15 e os meridianos: 14 e 18. Em termos de extensão geográfica o Planalto Central de Angola estende-se horizontalmente desde a faixa costeira do oceano Atlântico em direção ao Centro Leste de Angola. Ao longo do Oceano Atlântico a mesma área parte da zona norte da Província do Kwanza Sul em direção ao sul do País até aproximadamente à fronteira que divide as Províncias de Benguela e Namibe (MALUMBU, 2005, p. 47).

A mesma região compreende em termos administrativos as províncias centrais do Bié, do Huambo e a província de Benguela de uma forma mais abrangente, segundo MALUMBU (2005), mas também a Norte estende-se até cerca da metade sul do país aproximadamente a área que divide a província de Benguela e a província de Namibe.

2.2. Origem do Reino do Bailundo

O município do Bailundo assim como o reino do Bailundo, fica localizado no Planalto Central da república de Angola, e formou-se com o povo de Halavala muito antes da chegada de Katyavala Bwila I, entre os anos 1700-1720.

De acordo com MALUMBU (2005):

O reino do Mbalundu foi fundado por Katyavala, estando tal fundação ligada com a história da região de Tchipala (Quibala) que existiu como reino tributário do reino do Mbalundu até ao século XIX. Vindo de Tchipala, Katyavala colocou a sua sede inicialmente em Mbonga, junto de Mbalundu aparentemente com a intenção de dar visita a Mbulu, um seu parente que veio anteriormente de Tchipala. O Mbalundu era, nesse momento, somente uma estação de caça. Mbulu deu sua filha como esposa a Katyavala. Um dia, aproveitando-se da ausência de Mbulu, que se ausentara por motivos de caça, Katyavala e seu séquito familiar e outros acompanhadores ocuparam o Mbalundu extraindo definitivamente a Mbulu a chefia do Mbalundu. Esses factos deram-se por volta de 1700 (MALUMBU, 2005, p. 166).

Com o passar do tempo, o seu povo passou a submeter-se às ordens do Rei Katyavala que é oriundo do Sumbe desde o século XVIII, o que se relata, é que “naquela época, o território do Planalto Central era menos povoado, existindo na altura somente seis (6) aldeias como: Halavala (actual Bailundo), Kaliki, Chiaka, Ndulo e Viye”. O povo desta região, tinha um singular costume com relação a outros: para as “*akây*” (mulheres), identificavam-se por uma pintura em forma de circunferência na face feita de ervas pretas que se denominava “*Ohalanganja*” enquanto os “*alume*” (homens) tinham um risco preto partido da testa à ponta do nariz, denominado de “*Ombalundu*”, Capítulos que se alicerçam às tradições, hábitos e costumes deste mesmo povo. Como é típico ao grupo etnolinguístico umbundu, a pesca, o artesanato, a caça, eram as suas actividades frequentes.

Como dita a tradição oral, os primeiros povos que habitaram na região de Halavala, actual Bailundo, tiveram como responsáveis as figuras Tchingala e Mbulu e que não tinham a mínima ideia do que eram as armas de fogo.

O povo que habitava anteriormente neste território, embora continuasse por alguns dias até refugiarem-se na montanha de Lumbanganda, já depois da chegada do Rei Katyavala I, tinha uma educação padrão aos costumes da tradição regida pelos “*olosekulo vyepata*” (os anciãos da família), como é o caso dos tios, pais ou por vezes os “*vapakulu*” (os avôs) e, ou por outros anciões de cada “*osongo*” (zonas) nos “*olonjango*” ou jangos. À volta da fogueira, a educação como regras de agricultura, fiel obediência aos rituais, as regras da caça, educação sexual, cortesia e outras regras de conduta, aconteciam tradicionalmente todas as noites.

Com base a entrevista feita ao rei Ekuikui IV, citado por FLORENCIO:

"(...). Então o Katiavala cria uma oportunidade, à medida que aqui se planeava uma caçada, tendo ficado aqui apenas mulheres e crianças, Katiavala sobe até esta montanha com a sua espingarda. As casas eram de capim, ele foi amarrando alguns feixes de capim, então disparou o canhângulo, como na ocasião a população não

conhecia a arma a população ficaram todos um tanto ou quanto assustados e ele foi incendiando os feixes de capim. Então daqui alguém foi ao encontro daqueles que estavam em caçada para dizer de como o Katiavala tinha incendiado a aldeia. Então alguns caçadores suspenderam a caça e vêm ao encontro do prejuízo. O Katiavala ao dar conta de que os residentes estavam a vir ao seu encontro então fez um segundo disparo e aumentou a chama, meteu mais capim e a chama foi crescendo. Então os que vinham ao seu encontro já não chegam e meteram-se em fuga. E dali correu [o Katiavala] com toda a população e fugiram. Foi quando Katiavala sobe até aqui na montanha [instala-se), saindo do sitio onde estava. Então é dali onde começa o reinado." (FLORENCIO, 2010, p. 86).

Como foi referido acima, antes da fundação do reino do Mbalundu, existiam algumas aldeias que eram vizinhas de Halavala (actual Mbalundu). Após Katiavala tomar o poder da aldeia de Halavala, visto que ele usava uma arma que amedrontava o povo, chegou ao Capítulo de se colocar o seu poder sobre todas as aldeias adjacentes e se auto entronizou como rei da região.

A partir do século XVII, quando passou de Halavala para Mbalundu, o Rei Katyavala Bwila I, começou a reinar sobre as seis aldeias e é daí que se tornou oficialmente um Rei Regional e capital dos Ovimbundu. Confirmando o seu auge, o território do Reino, dominava os outros estados como: Kaliky, Chiaka, Ndulo, Vye, Wambu e Chitomba, confirmando portanto, a sua existência como a maior das entidades nacionais da capital tradicional dos Ovimbundu.

2.2.3 Origem do nome Mbalundu

Nas pesquisas feitas sobre a origem do nome Mbalundu, e de acordo com as fontes orais e bibliográficas o nome Mbalundu provém de um rato grande que chamamos de toupeira. Segundo LAZARINO POULSON, na sua obra “As Autarquias Locais e as Autoridades Tradicionais no Direito Angolano”, o nome Bailundo é oriundo de um “onete” (toupeira) com uma risca branca na testa. Enquanto se construía um “onjango”, aparece uma toupeira real com uma listra na testa semelhante ao ombalundu que os homens de Halavala traziam na face. Ao apanhar a toupeira, fitou-a, e ao enxergar no rosto dos homens que tinham o ombalundu na testa, exclamou em voz de trovão: “*Etali onduko ya Halã-Vala yapua. Cilo ame Mbalundu momo ndikasi povipala viowiñi wosi*” (Relato prestado pelo Rei Tchongolola Tchongonga I, no dia 23 de Maio de 2021).

Segundo os relatos do saudoso rei Augusto Katchitiopololo, citado por FLORENCIO:

"(...) uma vez que o início do reinado já estava a crescer apareceu um ratinho que se designa por toupeira, em Umbundu onete, aquela toupeira trazia um sinal na testa. O Katiavala apanha aquela toupeira, pegou nela e com o sinal bate nele na testa, no

peito e no pescoço, dali recordou-se logo de Umbulu Tchingala que viviam aqui, eram eles que viviam aqui, eram eles que tinham a tradição de um sinal preto que partia da testa até ao nariz. Aquele sinal é que tinha o nome de M'Balundu. Dali o Katiavala achou que o nome de Halavala seria designado de M'Balundu. O significado de M'Balundu é o seguinte, 'eu ainda que estiver coberto por um chapéu, de boas roupas, de sapato, tenho tudo tapado menos a testa, que é difícil ser escondida. M'Balundu é uma coisa vista por todos. É assim que surge o nome de M'Balundu, excluindo de uma vez por todas o nome de Halavala (FLORÊNCIO 2010, p. 87).

Ainda assim, sobre a origem do mesmo nome, alguns autores também trazem dados diferentes concernentes ao nome Mbalundu, quando dizem que o nome Mbalundu vem de «*elundu*» que significa montanha, visto que na altura, o mesmo reino ficava localizado na montanha Halavala. E de acordo com Armindo Jaime Gomes o Estado do Mbalundu, topónimo evoluído a etnónimo de *elundu*, singular de *alundu*, o que em língua umbundu quer dizer montanhas, ou *valundu*, significando montanhas [...] (GOMES, 2016).

No entanto, o nome Mbalundu (actual Bailundo), surge depois do nome Halavala que tinha sido o nome da região aquando da sua formação.

2.2.4 Contextualização do Reino Antigo ao Actual

Aquando da formação do reino que primeiramente tinha o nome de Halavala, actual reino do Bailundo, era apenas uma pequena comunidade habitada por povos camponeses que tinham como principais actividades a caça, a pesca, a agricultura e outros, e segundo GOMES (2016), originalmente foi fundado por um patriarca que tinha o nome de Mbulu. Mas tarde aparece Katiavala I e muda o nome de Halavala para Mbalundu, e tinha conquistado os outros Estados que na altura eram considerados de Estados tributários como *Kaliki*, *Ndulo*, *Viye*, *Chiaca* entre outros. SUNGO (2015) e SANJUKILA (1997), fundamentam que no momento da fundação do Reino do Bailundo, o planalto central era pouco povoado, existiam apenas cinco aldeias, nomeadamente: *Ndulo* a Norte, *Kaliki e Chiaca* no Ocidente, *Viye* no Oriente e Halavala (hoje Bailundo) no centro. Mais tarde, Katiavala I conquistou esses estados, e os mesmos passaram a submeter-se ao reino do Mbalundu, unindo-os. Essas ideias corroboram com as de SUNGO quando afirma o seguinte:

Katiavala I, ao fundar o reino, trouxe a unidade política entre tais aldeias, uma vez que, desde aquele momento aos dias de hoje, tornaram-se “dependentes” de uma estrutura política centralizada ou de um líder comum, e cuja base é a Ombala yo Mbalundu, que, como disse, é um local onde são projectadas as políticas que visam, entre outras, garantir a funcionalidade e gestão do reino. Era o começo de uma nova etapa política e cultural no Mbalundu, pois surgia a partir daquele momento o Mbalundu como reino, e Katiavala I, como seu primeiro soma inene, comandando as cinco aldeias incluindo Chitomba (SUNGO, 2015, p. 76).

Com a união desses estados, o reino do Bailundo se tornava cada vez mais forte, e preparado para os possíveis ataques de invasores que eram considerados rivais. E, no que concerne a união desses reinos que eram considerados de tributários, MALUMBU diz o seguinte:

O reino do Bailundo foi-se tornando cada vez mais forte, colocando praticamente sob as suas ordens todos os outros reinos. Esse fortalecimento surgiu em função de o Bailundo se ter apresentado como ponto do comando na defesa comum do território umbundu. A guerra do Bailundo de 1902 veio mais tarde a fazer sentir, maiormente a necessidade da unidade à volta do Bailundo que acabou por transformar-se em capital dos Ovimbundu. A necessidade da defesa espontânea da ocupação colonial, em casos de emergência fez com que muitos reinos se tornassem autônomos e auto-suficientes, mesmo estando em ligação estreita com o Bailundo e com os restantes. (MALUMBU, 2005, pp. 166,167).

Esses Estados (Kaliky, Chiaka, Ndulo, Vye, Wambu e Chitomba), localizam-se nas províncias que actualmente chamamos de Bié, Benguela, Huila e Huambo e uma parte da província do Kwanza Sul. A sua forma de organização política sempre seguiu a matriz da organização política dos povos africanos, e, mais tarde, mesmo com a invasão do colonizador português e dos missionários americanos, não mudou muito.

No entanto, desde a fundação do Bailundo como reino até aos dias actuais, já se passaram 36 reis, sendo que SANJUKILA (1997), FLORÊNCIO (2009), MAT (2004), citados por SUNGO diziam:

Katiavala I (por volta de 1700); Jahulu I (por volta de 1720); Somandalu; Chingui I (1774-1776); Chingui II (1776-1778); Ekuikui I (por volta de 1780); Numa I (por volta de 1800); Hundungulu I (1800-1810); Chissende I (1810-1811); Junjulu; (1811-1818); Ngunji (por volta de 1818); Chivukuvuku Chama Chongonga (também por volta de 1818); Utondossi (1818-1832); Bunji (1833-1842); Bongue (1842-1861); Chissende II (1861-1869); Vassovava (1869-1872); Katiavala II (1872-1875); Ekongo Liohombo (1875-1876); Ekuikui II (1876-1890); Numa II (1890-1892); Moma (1895-1896); Kangovi (1897-1898); Hundungulu II (1898-1900); Kalandula (1900-1902); adjunto Mutu-Ya-Kevela (1902-1903); Chissende III (1904-1911); Kadimba Jahulu II (1911-1935); Mussitu (1935-1938); Chinendele (1938-1948); Filipe Kapoko (1948-1970); Félix Numa 17. Esta lista de soberanos a constitui de acordo com as obras de Florêncio (2009, p. 175); Sanjukila (1997, p. 19-20) e MAT (2004, p. 94). Conteí ainda com os esclarecimentos de Ekuikui V (atual soberano) e de Fernando Hosi (Usonehi da ombala). (1970-1982); José Maria Pessela Chongolola (1982-1986); Manuel da Costa, com o epíteto de Ekuikui III (1986-1996); Augusto Cachitiopololo, com o epíteto de Ekuikui IV (1996-2012) e Armindo Francisco Kalupeteka, com o epíteto de Ekuikui V (desde 2012) (SANJUKILA, FLORÊNCIO, MAT apud SUNGO, 2015, pp. 82, 83).

O reino está sedado no Planalto Central, na província do Huambo, município que também tem nome do reino (Bailundo). É um dos 11 municípios da província do Huambo, e o terceiro mais desenvolvido depois do município sede (Huambo e Caála).

O reino do Mbalundu tem a sua sede situada no município e comuna que até 1896, se denominou Katapi, pois acredita-se que foi a partir de 1896 aproximadamente, após o capitão Justino Teixeira da Silva ter derrotado o soma inene Numa II, sucedido pelo soberano Ekuikui II, que a região ascendeu à categoria de vila pelo decreto-lei nº 54 do boletim oficial nº 1 de 1986, passando a chamar-se Vila Teixeira da Silva, e, com o alcance da independência nacional, fundamentalmente política, o Estado nacional angolano, considerando os fundamentos históricos e culturais locais, legitimou a designação actual (Bailundo). É um dos 11 municípios da província do Huambo, região centro-sul de Angola e que dista aproximadamente 75 km da cidade capital (Huambo), é limitado a Norte pelo município do Mungo e Andulo, a Sul pelos municípios de Tchicala Tcholoanga e Huambo, a Leste pelos municípios do Cunhinga, Catchiungo e Chinguar, e a Oeste pelo município do Londuimbale. O município conta com cinco comunas, nomeadamente, M'Balundu, Bimbe, Hengue, Lunge e Luvemba, 573 aldeias e 79 povoações, ocupando uma extensão territorial de aproximadamente 7.075 km² (SUNGO, 2015, p. 25).

Como dito acima, é o maior dentre todos os reinos ovimbundu e constituiu também a capital dos povos ovimbundu. A corte da Ombala do Bailundo é normalmente constituída por trinta e cinco (35) autoridades tradicionais e cada uma delas, exerce uma função diferente, e, SUNGO (2015) os descreve de uma maneira crescente, nomeadamente:

1º Epalanga: nome dado ao soma inene, neste caso, adjunto do rei e é imprescindível que tenha sangue de uma das linhagens dos reis do Mbalundu. Ele responde pelas questões importantes, sobretudo na ausência do rei

2º Inakulu: É a rainha e, na cultura ovimbundu, a única autoridade de gênero feminino pertencente a corte. Apesar de ser a esposa do rei, ela normalmente é entronizada ao mesmo tempo com o soma inene ou epalanga, e não com o rei. As suas tarefas ligam-se a situações de âmbito feminino que por tabus, apenas ela deve reportar ao seu esposo, ou, aos seus parceiros, se necessário for. Outra tarefa consiste no incentivo das mulheres do reino, fundamentalmente as da ombala, a pautarem por comportamentos exemplares, com maior realce na adesão a educação feminina, pois só assim inverterão definitivamente o papel de doméstica que genericamente se lhes atribui. Desde os tempos passados, maior parte dos reis do continente africano, possuem mais de uma só esposa, contextualizando o reino do Bailundo, não foge da regra. O rei pode até ter mais de quatro mulheres, mas primeira esposa será a Rainha. As outras mulheres também têm estatuto no reino e os seus nomes específicos e obedecem a seguinte hierarquia: Sia (2ª esposa), Nangandala (3ª esposa), Mbavela (4ª esposa), Tchiwotchepembe (5ª esposa).

3º Usonhi: É o secretário do reino. É o primeiro a receber as informações relevantes da população e só ele pode fazer chegar ao reino. Essas informações após serem analisadas e aprovadas por ele, só assim terá a missão de as transmitir em primeira instância ao soma

inene, que na presença deste e dependendo da natureza da informação, se por exemplo for um problema social, agendam o dia para resolve-lo. Se por acaso, o *soma inene* não se fazer presente na resolução do problema ora agendado, o *usonehi* pode muito bem representá-lo.

4° Soma Ngambole: É o conselheiro da corte real. Tem também a missão de entronizar o soberano, assim como, de intervir no momento de julgamentos, aconselhando os réus, seus familiares e os que assistem o julgamento. Sempre que existir conflitos entre os membros da corte, assim como problemas particulares ou familiares de cada membro da corte, esses recorrem directamente ao conselheiro (Soma Ngambole).

5° Soma Muekalia: É o membro da corte mais acolhedor. Ele tem a missão de entronizar o soma inene ou epalanga. Segundo o autor, “O individuo a quem se atribuir este cargo deve ter uma personalidade de alguém acolhedor e que, entre outras, adore oferecer ou partilhar e servir, e por estas características, ele é considerado a mãe dos losoma”. Normalmente, é coadjuvado com dois membros da corte que são o soma Chikaka e o soma Chikukulo.

6° Soma Chikaka: Adjunto principal do soma Muekalia.

7° Soma Chikukulo: Membro da corte com a missão de auxiliar os losoma Muekalia e Ngambole.

8° Soma Siasoma: É o responsável pela segurança e protecção do soma inene. É o segurança secreto da corte, e que estimula várias vezes conversas a desfavor do soma inene ou sobre o modo de intervenção cultural, social e económica da corte, para testar ou perceber o nível de confiança dos seus serviços diante da população. É também o único da corte responsável pela otchalo (cadeira) do soma inene.

9° Soma Kasoma: É o consultor médico do rei. Ele tem a missão de saber pontualmente sobre o estado de saúde do rei, e, só ele tem a competência de informar aos demais membros da corte sobre a situação, e dar a conhecer se há possibilidades de o rei trabalhar, ou não.

10° Soma Ndaka: É o porta-voz, e também considerado o mensageiro da corte. Tem a missão de anunciar os acontecimentos no interior da ombala, sobretudo no que concerne a mortes, reuniões, campanhas de higiene e outras. Cabe a ele também circular pelo bairro todo e com voz alta passar as mais variadas mensagens aos moradores, sempre que possível for.

11° Soma Epango: É o nutricionista do soberano. A sua missão incide-se pela segurança alimentar do rei. É o soba responsável pela avaliação de toda alimentação que é oferecida ao rei e à corte. Como se sabe, na ombala yo Mbalundu, quando alguém abate um animal para comer, antes de tudo, tira uma parte da carne para oferecer ao rei. Essa carne oferecida apesar de ser para o rei, terá de se entregar ao soma Epango para avaliar e posteriormente decidir se pode ou não entregar ao rei.

12° Soma Kesongo ou Kumandandi: É o vigilante, ou mesmo o que garante a segurança do rei e da corte. Tem a missão de trocar impressões com os visitantes da ombala e depois de considerar favorável, encaminhar esses visitantes ao usonehi.

13° Soma Chilala: É o coordenador da limpeza dos *atambo* e *akokoto*. A sua missão é garantir que esses locais estejam sempre limpos e bem conservados.

14° Soma Chikola: É o adjunto do Chilala que como disse, ambos se responsabilizam pela higiene do santuário tradicional e do cemitério dos soberanos.

15° Soma Henjengo: É o responsável pela lei da ombala. Sua missão é de fazer cumprir com os princípios ou leis que regem a comunidade dentro da ombala. Por outra. É por meio dele que a sociedade tem conhecimento sobre a figura e posição do soberano, garantindo assim o maior respeito desta autoridade. E também mostra que as orientações e decisões que o mesmo determinar devem obrigatoriamente ser cumpridas. Durante os julgamentos, por exemplo, é normal que uma parte conflituante não concorde com uma determinada decisão do tribunal, originando reclamações, murmuro, e outras atitudes que espelhem insatisfação. Nestes momentos, este soma deve intervir sempre com discursos ameaçadores e que relembrem a necessidade de obedecerem as decisões do tribunal sob pena de aumentarem-lhes a sanção.

16° Soma Kalufefe: É o adjunto ou colaborador do soma Henjengo.

17° Soma Chiwale: É o responsável pela indumentária ou vestuário do soberano. Tem como missão, cuidar o aspecto visual do rei, ou seja, qualquer falha como por exemplo roupa suja, amarrotada, gravata mal posta, serão de total responsabilidade dele. É responsável pela aparência física do rei.

18° Soma Kalei: É o que serve a comida e bebida do rei. A sua missão é de saber o momento próprio em que o rei deve se alimentar, o que quer comer e beber.

19° Soma Kesenje: É o conselheiro direto do rei e o juiz do tribunal da corte real. Tem também a missão de proporcionar momentos de lazer, diversão e actividades recreativas ao rei.

20° Soma Lumbo: Responsável pela cerca da ombala e dos akokoto. A sua função é de conhecer os limites tanto do reino, assim como dos akokotos. Também é conhecido como o homem do território.

21° Soma Lombundi: É a figura da corte que desempenha as funções de porteiro. Esse tem a missão de abrir e fechar as entradas e saídas da ombala.

22° Soma Ndal: É quem se responsabiliza pelo fogo. Tem a missão de segurar o animal durante o abate, bem como de cuidar do sangue deste.

23° Soma Chitonga: figura que acende o fogo no ondjango.

24° Soma Sipata: É o guarda-costas do soberano. Tem a missão de transportar o símbolo de poder do rei.

25° Soma Lumbungululu: É o coordenador da iluminação da ombala. Tem a missão de garantir que a ombala esteja acesa, ou que não haja escuridão no reino.

26° Soma Sindako: É o responsável pela defesa do reino. Tem por missão, fazer com que o reino não seja invadido meio a qualquer situação. É por meio dele que se faz conquistas de mais espaços para o reino.

27° Soma Tembuasoma: É o chefe de cozinha da ombala. Nos tempos passados, quer o rei, quer os membros da corte alimentavam-se da comida feita por ele. Actualmente as comidas são confeccionadas pelas suas esposas. Logo, este soma era o cozinheiro do soma inene ou da ombala. A ele também se incumbe a missão de cuidar das esposas dos losoma.

28° Soma Sunguahanga: Adjunto do soma Tembuasoma.

29° Soma Nuñulu (Nunhulu): É filho primogénito do soma inene.

30° Soma Ukuepandela: É o responsável pelo içar e arrear da bandeira na ombala, para se descobrir a posição do vento.

31° Soma Katumua: É o coordenador da música na ombala. Considerado também como tamborista da corte e o responsável pelos demais indivíduos que manuseiam este

instrumento de música. Tem a missão de animar os encontros na ombala com músicas agradáveis de boas vindas e outras que têm ligações com cada assunto a tratar.

32° Soma Ucilã: é o dançarino da ombala. Tem a missão de mostrar a alegria da música e por intermédio da cauda de boi que usa, expulsa as moscas que estiverem em direção ou pousarem ao rei. E, sempre que o soberano estiver a dançar, o mesmo tem o dever de guiar os movimentos do soberano como maestro.

33° Soma Chikakula: É o responsável pelo abate de animais em actividades especiais, como entronização, destituição, morte de um membro da corte. Nas campanhas de higienização da ombala, caso haja a necessidade de se queimar o capim, a ele se incumbe esta missão, para se evitar que o mesmo se faça descoordenadamente e afete outros espaços. É também o responsável pelas queimadas que se efetuam durante a caça.

34° Soma Kapitango: É o responsável em garantir a proteção das infra estrutura física da ombala.

35° Sekulo: É o chefe da ombala, também conhecido como o mais velho da ombala. Ele tem a missão de informar a Administração Municipal, os dados qualitativos e quantitativos ou demográficos da população residente na ombala. Este não necessariamente deve pertencer a uma das linhagens dos reis, mas sim, uma figura adulta, que tenha um comportamento exemplar e que se mostre ser um excelente conhecedor da população local.

Portanto, fazem parte da corte Real, 36 sobas, incluindo o rei actual, sua Majestade Isaac Francisco Lucas, **Tchongolola Tchongonga I**, desde o dia 14 de Maio de 2021.

2.3. Conceitos de Ondjango

O Ondjango é uma palavra composta por aglutinação: *Ondjo* (casa) + *Ohango* (conversa); « *ondjo y'ohango* » que significa (casa de conversa, diálogo).

Ondjango nos remete para a realidade da casa (NUNES, 1991, 157, apud KAVAYA). Mas de que casa se trata? Trata-se de casa de conversa, de reunião, de hospedagem, de partilha de bens/refeição/serviços, de educação/iniciação sociocultural, de entretenimento e/ou de fazer justiça (KAVAYA, 2006, p. 2). Sendo o ondjango uma casa ou um Capítulo de partida para a realização de diversas actividades, é considerado um local sagrado, colectivo e que é da responsabilidade de todos enquanto comunidade.

E segundo KAVAYA (2006), tendo em consideração a realidade física, ondjango significa um espaço aberto nas laterais não rebocada e construídas de pau-a-pique que tem a forma redonda, encobertada geralmente de capim ou construída debaixo de uma árvore grande e que tem sombras onde maior parte dos homens de uma determinada comunidade se sentavam para que a actividade (ohango) se realizasse tranquilamente.

No interior do ondjango sempre se encontrava lenha, em troncos grandes, (olononga), transportados pelos jovens (ibidem).

Segundo SUNGO 2015, Ondjango é alpendre construído com paus e coberto de capim; os paus das paredes ficam ligeiramente curtos separados uns dos outros por formas a que todos que nele não tenham lugar continuem a ver e a ouvir o que se passa lá dentro. É também Gabinete de trabalho; refeitório-tribunal da comunidade; lugar onde os varões de um povoado se reúnem para comer e julgar, em primeira instância, os seus próprios litígios. Os forasteiros, aí se acolhem igualmente. Por preferência, são depois alojados na casa de um deles, onde passarão a fazer as refeições. Permanecerão o tempo que acharem conveniente, nada retribuindo pela sua hospedagem. É um Local onde os anciãos passam os testemunhos aos mais novos e onde se discutem os problemas da comunidade. É a universidade do reino. (SUNGO, 2015).

2.2.5 Tipos de Ondjango, sua função e localização

O ondjango normalmente desempenham funções importantes no reino, pois cada um deles tem o seu papel e as suas regras de como os assuntos são abordados.

Para a Ombala Mbalundu, existem quatro ondjango com papeis distintos. Segundo SUNGO, 2015:

Existem no interior da ombala quatro ondjango com funções específicas. A função de cada um determina a sua localização na ombala, e é assim que um é interno e três são externos. (IBIDEM).

Sungo esquematiza os tipos de ondjango da seguinte forma:

Ondjango interno: é localmente considerado como a universidade da ombala, por ser nele onde se esboçam os mecanismos de proteção e resolução dos problemas da população. Ele é de uso exclusivo do soma inene e os losoma viondunko (corte) e sempre que existir necessidade do mesmo ser usado, o primeiro da corte a colocar-se no interior para examinar a

existência ou não de condições para que de seguida o líder e seus colegas entrem também é o soba Kessongo.

Ondjango externo esquerdo: serve exclusivamente para recepções dos visitantes. Esta secção é de inteira responsabilidade do soba Kessongo. Maior parte das deslocações de visitantes para a ombala são devidamente protocoladas, mas na eventualidade de surgir uma emergência e atendendo ao fato de que o soma inene e sua corte estão sempre a dispor do povo fazendo juiz à sua existência, é neste local onde para além de recebidos são trocadas as primeiras informações, para depois serem dirigidos ao usonehi que fará o registro das preocupações e o prosseguimento do processo.

Ondjango externo maior e central: é considerado o tribunal da ombala, ou do soma inene e sua corte, pois é o local apropriado para todos os julgamentos, independentemente da natureza da infracção.

Ondjango externo direto: é o gabinete do usonehi ou secretário. É neste local onde o mesmo anota, para depois reportar em Umbundu aos demais membros da corte, os problemas que as populações em busca de soluções recorrem à ombala.

2.2.6 Importância do ondjango

O ondjango constituíram e constituem uma das casas, locais para se aprender, ensinar, conversar e educar os aspectos socioculturais e que as mesmas vão passando de geração a geração. E de acordo com KAVAYA, (2006) citado por KAVAYA (2011),

Toda a vida parte do ondjango e lá encontra seu ápice. Aí, segundo a pertinência do vivenciado, o ohango (conversa/diálogo) tomava vários significados: “ondjango”, enquanto “ulonga” (relato da vida desde o encontro anterior), “elongiso” (ensinamento e aprendizado), “ekuta” (partilha de bens alimentares), “ekongelo” (reunião de caráter deliberativo), “ekanga/okusomba/okusombisa” (reunião para fazer justiça e sentenciar para punir ou absolver o argüido), “okupapala” (encontro de entretenimento, festas e danças culturais e tradicionais, conforme a situação vivida no momento: morte, caça, casamento, iniciação sociocultural e comunitária, acolhimento de uma visita etc.), “ondjuluka” (encontro para organizar um mutirão comunitário a favor de algum da comunidade em situação de doença, problema socioeconômico, intervenção de ajuda na sua lavoura etc). (KAVAYA, 2006, apud KAVAYA, 2011, p. 2).

O ondjango possuem um carácter de extrema importância porque para além de servir como um centro pedagógico sob o Capítulo de vista informal também funciona a afirmação que diz que ninguém ensina ninguém, mas que também, ninguém aprende sozinho. Constitui uma das formas mais viáveis e usadas pelos nossos antepassados e sobretudo na cultura

ovimbundu, para educar os mais novos e também sendo uma casa colectiva, era e é, se bem que não muito provável uma forma de fazer com que a comunidade viva em princípios de unidade em prol de um bem e uma vida comum. O ondjango faz com que cada um se identifique enquanto angolano e permite que todos entendam o valor de fazer parte de uma etnia; No ondjango, o pessoal senta em forma de círculo “no círculo, tudo o que é bom de ser conversado, de ser pensado, de ser aprendido, de ser sabido, de ser trocado e dialogado, vai saindo do fio da conversa de todos entre todos, de todas entre todas” (BRANDÃO apud KAVAYA, 2011, p. 13).

A importância do ondjango vai muito além daquilo que imaginamos ao observar a sua característica física. A sua importância deve ser interpretada de uma forma muito mais profunda, pelo facto de antigamente funcionar como se fosse uma escola, universidade, onde maior parte de nossos antepassados se formaram e passaram tais ensinamentos para as gerações actuais. Essas ideias vão de acordo com as ideias de SUNGO quando afirma o seguinte:

O ondjango devem ser vistos para além do seu simples aspecto físico; eles são muito mais do que parecem ser diante de uma simples observação. Merecem uma interpretação fundamentalmente antropológica, que levará em consideração as funções simbólicas imbricadas a ele e atribuídas localmente logo após a fundação do reino e que perpetuaram até aos nossos dias. Só uma interpretação a este nível nos levará a conceber o ondjango como uma instituição e não como moradia e ou um simples local de diversão, como um local imprescindível para a vida da comunidade local, pois é lá onde são analisados os mais diversos problemas da comunidade e, em simultâneo, projectados os mecanismos de solução dos mesmos (SUNGO, 2015, p. 77).

2.2.7 Que função tem o ondjango na cultura ovimbundu?

O ondjango na cultura ovimbundu é um local ou casa onde acontece um processo pedagógico, onde ninguém se apresenta como detentor de todo o conhecimento, mas, é onde se faz a troca de informações daqueles que têm mais experiência de vida dentro da cultura, tendo como alvo, os mais novos.

Segundo MALUMBU (2005) citado por JOSÉ (2016), para os Ovimbundu, A melhor forma de introduzir as pessoas em novos conhecimentos e de as forjar nos costumes, nas tradições, nas crenças, nos usos, é através da participação directa nas manifestações sociais dessas actividades. No processo de educação não formal, está o *ondjango*, escola tradicional recolhida dentro da estrutura da família alargada aonde as crianças são conduzidas para aprenderem com os mais velhos aspectos da vida no sentido geral.

De forma geral, tal como afirma JOSÉ (2016), nesses ondjango são mais utilizados a tradição oral como narrativas orais, assim como outros textos que são materializados de forma oral, como o provérbio e advinha, são tidos como objecto de ensino-aprendizagem (ibidem).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta parte do trabalho, objectiva-se em explicar sobre o planeamento metodológico, estabelecendo as formas da produção da pesquisa feita, onde foram constituídos através dos métodos científicos, adotando normas éticas para geração de resultados em conformidade à qualidade desejada pela área académica nacional e internacional.

O método é o caminho a seguir no sentido de alcançar um determinado objectivo. Para o alcance dos objectivos traçados fez-se recurso a vários métodos, alguns de carácter mais prático ou empírico e outros de carácter mais teórico. Por isso, tem-se uma pesquisa bibliográfica confirmada com alguns dados recolhidos em campo de pesquisa.

O tema em questão e, tendo em conta os objectivos desenhados, seguiu fundamentalmente uma metodologia resumida de tipo qualitativo e quantitativo em estudo.

3.1 Modelo de investigação

A investigação centrou-se no modelo misto referindo-se do **quantitativo e qualitativo** dependendo da dinâmica da pesquisa, onde esteve mais direccionada.

3.2 Tipos de investigação

Se baseou no tipo de investigação **descritiva**.

Quanto a pesquisa **descritiva**, auxiliou no registo e descrição dos factos tal como interpretar, analisar e deduzir factos, referentes às dificuldades no acesso a informação da Cultura Ovimbundu

3.3 Métodos de investigação

Ao nível dos métodos, usou-se os métodos de nível teórico, empírico e matemático ou estatístico.

A nível **teórico**, foram utilizados os métodos:

Histórico – lógico: na qual se caracterizou os estudos sobre a importância dos povos ovimbundu na história de Angola.

Dedução: no qual se fez a inferência dos resultados obtidos à população alvo, neste caso do que é geral, obtém-se conclusões do particular. Por intermédio dos questionários e entrevistas feitas, fez-se a conclusão baseando-se na maioria dos inqueridos.

Indução: sendo este tipo de recolha de dados, uma cadeia de raciocínio que estabelece conexão ascendente, do particular para o geral, fez-se entrevistas a duas pessoas directamente ligadas a corte real, para obter conclusões gerais.

Estes dois métodos permitiram-nos fazer diversas abstracções e fazer comparações entre os autores que já falaram sobre o tema.

Análise - síntese: primeiramente, procurou-se saber se a população da pesquisa tem dificuldades na leitura e escrita, principalmente aquela directamente ligada a Ombala, caso não houvesse facilitação na leitura e escrita, o plano seria de fazer gravações para os que têm informações relevantes a respeito da Ombala em estudo. Depois olhou-se para outra população, neste caso os que não têm ligações directas com a Ombala, para deles se obter dados por meio do questionário feito.

Pesquisa bibliográfica: que visa a busca de informações bibliográficas, o que permitiu navegar nas mais variadas obras de diferentes autores, a fim de obter conhecimentos relacionados com a problemática em estudo, e de forma lógica e criativa procurou-se fazer críticas, estabelecer comparações, extrair conclusões, entre outros aspectos, a volta do tema em estudo.

A de nível **empírico** utilizou-se os seguintes métodos:

- A **observação:** facilitou na contemplação de como a Ombala Mbalundu leva nos dias actuais os ideais dos antepassados, factos esses que comovem a pesquisa do mesmo reino ou Ombala.

- A **entrevista:** para a busca de informações aos munícipes do Reino do Bailundo, de como tem estado a dinâmica do Reino do Bailundo nos dias actuais, tendo em conta o impacto que tem nas suas vidas.

- O **questionário:** para a elaboração de algumas perguntas aos munícipes e aos mais velhos detentores de conhecimentos acerca da cultura e do Reino, a fim de constatar as formas como têm sido resolvido os problemas sociais e do Reino.

A **nível matemático ou estatístico**, definiu-se a população e amostra representando em gráficos e tabela.

3.4 Tipo de amostragem

Neste trabalho, empregou-se o tipo de amostragem não probabilístico, com o critério de amostragem intencional onde nem todos os munícipes tiveram a mesma possibilidade de participar.

Por isso, tendo em conta a concorrência dos métodos teóricos e empíricos, o trabalho definiu-se como qualitativo e quantitativo

O objecto de pesquisa foi a Ombala Mbalundu, a maior do grupo etnolinguístico Ovimbundu. Nessa Ombala, desenvolve-se uma serie de actividades ligadas a vida quotidiana africana e mostra directamente o quanto a tradição oral como a literatura tradicional africana, contribuem para fazer permanecer a personalidade cultural dos reinos e outros povos que habitaram ali, trazendo legados para as gerações presentes que partilham os ideais dos antepassados africanos.

A colecta dos dados ocorreu em vários momentos da pesquisa, desde a conversa com os membros da corte real, juntamente com a recolha de dados escritos na população não próxima da corte. Foi feita um pedido de autorização aos membros da corte, para que fossem entrevistados e, explicar o objectivo desta pesquisa, até a leitura propriamente dos inquéritos, os quais foram retomados diversas vezes durante a elaboração deste trabalho. Através desse processo, os dados colectados foram articulados com referencial bibliográfico buscando estabelecer suas possíveis diferenças e semelhanças.

3.5 Instrumento de recolha de dados – inquérito por entrevista

Para a recolha de dados, fez-se com base os inquéritos por questionário e entrevistas, elaborados de forma estruturadas, dirigidos a população já mencionada.

Neste caso, os questionários foram divididos em dois módulos, em que no primeiro procurou-se fazer 8 perguntas escritas dirigidas a 5 cidadãos do município do Bailundo, como: o que se entende por ondjango, qual é a função do ondjango, quem deve ensinar e aprender no ondjango, que importância tem o ondjango na cultura Ovimbundu, qual é a diferença do ondjango de ontem e de hoje na cultura ovimbundu, outra pergunta ligou-se na

possibilidade de se voltar aos hábitos de ensinar e aprender no ondjango, noutra procurou-se saber sobre o que seria necessário para se voltar a dar o valor do ondjango na cultura ovimbundu, a última pergunta frisou-se pelo estado do povo ovimbundu em termos de hábitos e costumes.

Quanto ao segundo questionário fez-se 7 perguntas dirigidas a 5 cidadãos do mesmo município, e as mesmas procuravam saber sobre: o estado actual do reino do Bailundo, estabelecimento de diferenças e semelhanças da Ombala do Bailundo de ontem a de hoje, a frequência da ida de jovens à Ombala de Bailundo a fim de aprender mais acerca da cultura ovimbundu a base do Ondjango, o desempenho da função real do ondjango no Reino do Bailundo.

No que tange as entrevistas feitas, tudo baseou-se no que constava no roteiro de entrevista da pesquisa, tendo em conta os objectivos específicos do presente trabalho. As perguntas formuladas frisaram sobre: a importância do ondjango e sua divisão na ombala do Bailundo, o conceito de reino, antiga localização do reino e sua antiga nomenclatura, localização da primeira ombala do reino, diferença da ombala do reino do Bailundo hoje e antigamente, o estado sociocultural do reino, actividades económicas realizadas pelos primeiros povos do Bailundo, as actividades económicas mais praticadas actualmente no município do Bailundo, diferença do município do Bailundo ontem e hoje.

O objectivo principal desse inquérito (questionário e entrevistas), foi o de saber se no Ondjango se faz a divulgação, ou se ensina os ideais da cultura Ovimbundu nas gerações actuais, visto que trata-se do maior reino do grupo etnolinguístico Ovimbundu, isso quer dizer que, procurou-se saber se até a população que não tem ligação directa com a Ombala tem sido contada como alvo para o conhecimento da cultura Ovimbundu.

4 DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta parte do trabalho se procurou apresentar os dados, de acordo com as respostas dos inquiridos ao conjunto de perguntas presentes nos questionários e no roteiro de entrevistas, tendo em atenção a observação dos objectivos específicos.

Foram analisadas de forma descritiva e reflexiva as respostas dadas pela população da pesquisa, todos residentes no município do Bailundo.

4.1 Dados de identificação dos inquiridos

Nas questões do inquérito e para uma questão de identificação de cada inquirido do primeiro questionário, adoptou-se a sigla **IMB¹**. Deste modo, para a representação de todos os inquiridos se teve **IMB1, IMB2, até IMB5**.

Nas questões do inquérito para o segundo questionário, usou-se a sigla **2IMB²**, neste caso, se teve **2IMB1, 2IMB2, até 2IMB5**.

Já nas questões do inquérito por meio de entrevista, aos inquiridos adoptou-se a sigla **3IMB³**, assim para os entrevistados se teve: **3IMB1, 3IMB2, até 3IMB7**. Esta discussão teve como principais objectivos, diferenciar e relacionar as respostas recebidas, quer nos questionários, assim como nas entrevistas.

4.2 Dados do inquérito

Como amostra para a essa pesquisa, visto que a seleção da população foi feita de forma aleatória dispõe-se 17 cidadãos residentes no município do Bailundo, que fazem assim 100%, dos quais 2 são do género feminino que perfazem assim 12% do género inquirido. 15 indivíduos são do género masculino com um valor percentual de 88% do género participante. Dos 17 membros possuem uma idade que compreende dos 25 aos 60 anos de idade entre os dois géneros. Nesta parte da pesquisa fez-se apresentação dos dados que se procurou obter, fazendo cruzamentos com as abordagens já feitas na fundamentação teórica, conforme apresenta a tabela abaixo.

¹ Inquerido no Município do Bailundo (criação da autora)

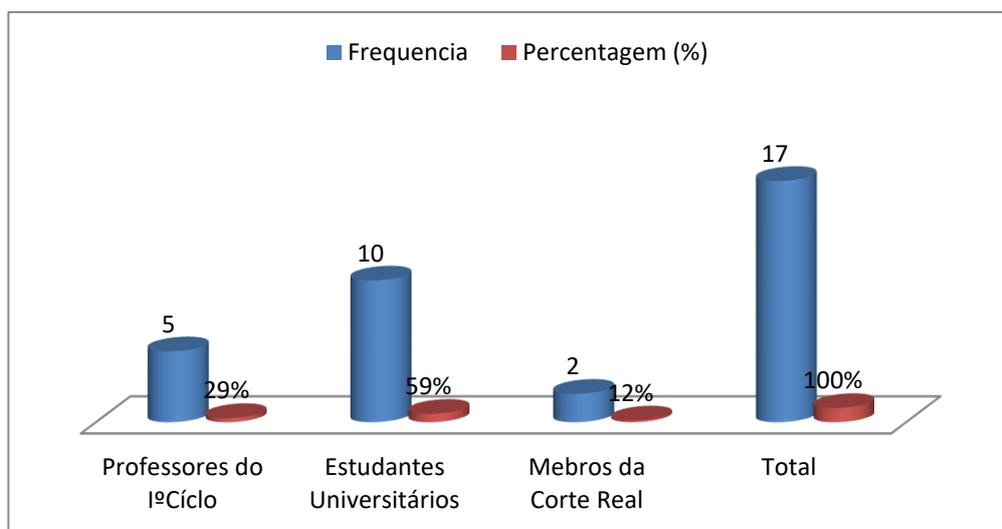
² 2º questionário dos Inqueridos no Município do Bailundo (ibidem)

³ 3º questionário dos Inqueridos no Município do Bailundo (ibidem)

4.3 População e amostra

A população alvo compreende 372.836 habitantes, dos quais extraiu-se 17 municípios, que corresponde a nossa Amostra. Desta Amostra, 2 (duas) são autoridades tradicionais ligadas ao reino do Bailundo, que equivale a 12%, 10 estudantes, do ensino superior, equivalente a 59% e 5 professores do primeiro ciclo, que compõem 29%. Conforme apresenta o gráfico abaixo:

Gráfico 1. Caracterização dos participantes na pesquisa por Classes ou Níveis



Fonte: Criação própria através de dados obtidos nos inqueridos.

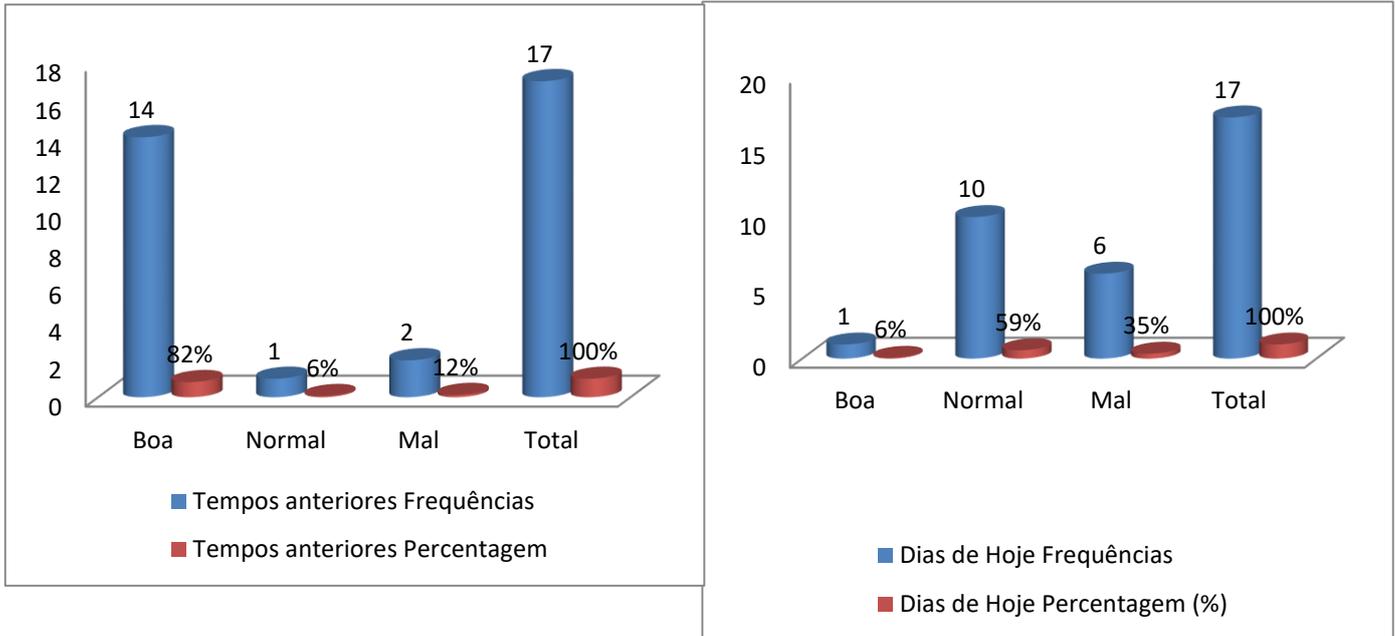


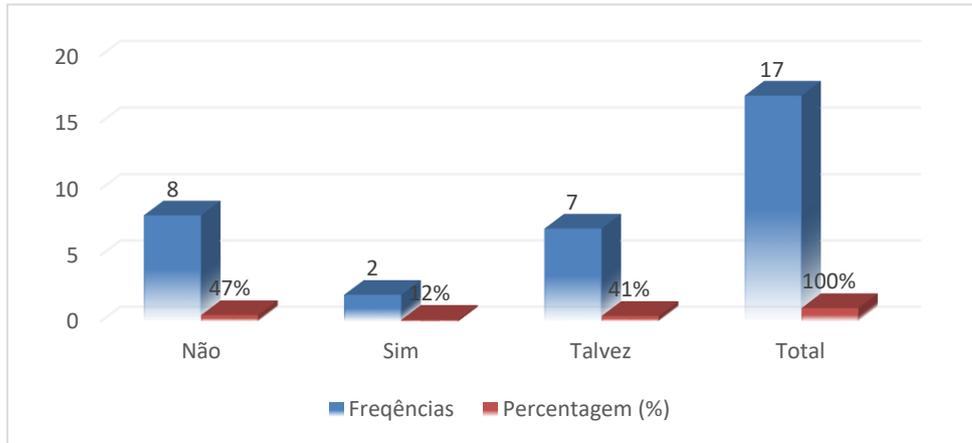
Gráfico 2. Ombala do Bailundo ontem, comparando com os dias actuais.

Fonte: Criação Própria através dos dados obtidos nos inqueridos

Os gráficos acima, apresentam os resultados obtidos na questão que tem por objectivo, fazer uma comparação, da Ombala do Bailundo no passado com os dias de hoje. Foram inqueridos 17 indivíduos que totalizam assim um número percentual de 100%, que faz a amostra do trabalho, dos quais, 14 dos inqueridos e que correspondem a 82% responderam que a ombala era boa, 2 que perfazem 12% disseram não e 1 que representam um número percentual de 6%. Com isso, levando em conta os resultados apresentados no gráfico, o número de inqueridos que responderam de forma positiva é maior o que significa dizer que a Ombala do Reino do Bailundo no passado era boa em termos culturais tanto física, assim como internamente.

Para os dias actuais o número dos inqueridos não altera que são 17 com uma percentagem total de 100%, apenas 1 elemento que faz assim 6%, diz que actualmente a Ombala apresenta bons resultados. 10 pessoas responderam que a Ombala apresenta uma forma normal actualmente, com uma percentagem de 59%. E 6 elementos responderam que actualmente a Ombala encontra-se mal em questões culturais, com uma percentagem de 35%.

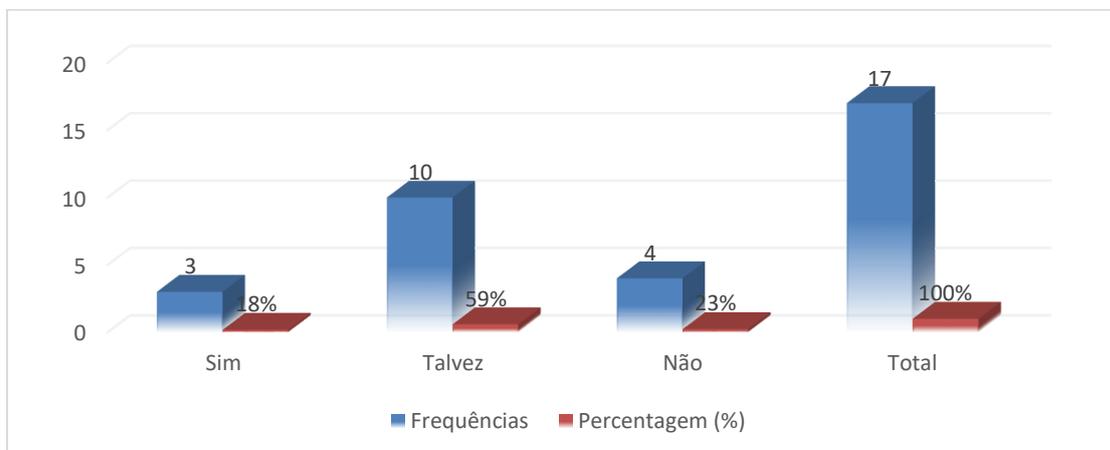
Gráfico 3. Tem sido frequente a ida de jovens na ombala do Bailundo a fim de aprender mais sobre a cultura Ovimbundu a base do ondjango?



Fonte: Criação própria através de dados obtidos nos inquiridos

O gráfico 3, apresenta os resultados obtidos nos inqueridos que fazem 17 da amostra, com um resultado total de 100%. A pergunta tem por objectivo, saber se actualmente tem sido frequente a ida de jovens à ombala Mbalundu, a fim de aprenderem ou aperfeiçoarem sobre os ideais da cultura em causa, e desta feita, 8 indivíduos responderam não, que faz 47%, 2 que correspondem a 12% responderam sim e 7 dos inquiridos tiveram uma resposta diferente das duas anteriores, sendo de forma duvidosa com 41%. Levando em consideração os dados obtidos, a maior percentagem recai para os indivíduos que responderam não, no entanto, não tem sido frequente a ida de jovens à ombala.

Gráfico 4. O Ondjango no Reino do Bailundo desempenha actualmente a sua real tradicional função.



Fonte: Criação própria através dos dados obtidos nos inquiridos.

Com o objectivo de saber se o Ondjango no Reino do Bailundo continua seguindo a sua tradicional função e de forma a procurar compreender se os inquiridos têm participado de algumas actividades no mesmo. São no total de 17 munícipes que estão de igual modo apresentados no gráfico 4, com uma percentagem de 100%, e dentre esses, 10 que perfazem 59%, responderam talvez, 3 que equivalem a 18% responderam sim e 4 com 23%, disseram não. Tendo em conta a maior percentagem de 59%, conclui-se que para se ter acesso á informações, é preciso primeiramente resgatar a cultura de aprender na base do ondjango porque essa percentagem expõe o facto de que maior parte dos jovens, não têm conhecimentos sobre a permanência tradicional ou não da cultura no Ondjango do reino, respondendo talvez.

Dados do primeiro questionário

1- Sobre o conceito de Ondjango

Nesta pergunta buscou-se a conceituação do Ondjango a partir dos inqueridos. Fazendo uma inferência (Conclusão vinda do geral), por meio dos resultados obtidos de **IMB1**, **IMB2** e **IMB5** definiram que ondjango é um local onde os jovens se reúnem para receber ensinamentos dos mais velhos, para o bem da comunidade. Enquanto que, **IMB3** juntamente **IMB4**, conceituaram como lugar onde os mais velhos se reúnem, para tratar assuntos relacionados a vida sociopolítica e cultural das comunidades rurais e centro de discussão para a resolução de problemas comuns. Essas ideias dos inqueridos corroboram com KAVAYA (2006), quando sublinha ondjango como casa de conversa, de reunião, de hospedagem, de educação sociocultural e também casa para se fazer justiça.

2- Sobre a função e Importância do Ondjango.

Quanto a esta pergunta, se procurou entender por intermédio dos questionários se o ondjango desempenha papéis importantes na comunidade ovimbundu. Segundo **IMB2**, função do ondjango é de ensinar as novas gerações os hábitos, os costumes e valores dos nossos antepassados. Quanto a sua importância, a ideia de **IMB2** corrobora com a de **IMB5**, ao afirmarem que é no ondjango onde se pode resgatar os hábitos, costumes e valores, servindo assim como escola ou casa da sapiência.

Segundo JOSÉ (2016), no processo de educação não formal, está o *ondjango*, escola tradicional recolhida dentro da estrutura da família alargada aonde as crianças são conduzidas para aprenderem com os mais velhos aspectos da vida no sentido geral.

Questão 3 e 4. Quem deve ensinar e aprender no ondjango.

A resposta dessa pergunta foi unanime, pois todos questionados responderam que só os mais velhos devem ensinar no ondjango. Quanto aos que devem aprender no ondjango, as ideias corroboram, afirmando que os receptores do ondjango são maioritariamente jovens.

Segundo as ideias da autora:

O ondjango na cultura ovimbundu funciona como se fosse um centro ou casa onde acontece um processo pedagógico, onde ninguém se apresenta como detentor de todo o conhecimento, mas, onde acontece a troca de informações daqueles que têm mais experiência de vida dentro da cultura, tendo como alvo, os mais novos. (GRIFO DA AUTORA, 2023, p. 31)

Questão 5 e 6. Diferença do ondjango de ontem e de hoje na cultura ovimbundu e a possibilidade de se voltar aos hábitos de ensinar e aprender no ondjango.

Nesta questão fez-se a junção de duas perguntas com respostas que se assemelham, o objectivo foi de saber se o mesmo valor do ondjango de ontem perpetua sobre o actual, por outra, procurou-se saber se existem sinais que possibilitam a ter em consideração do ondjango actuais visto que desempenhavam grandes papéis no passado.

Os questionados foram unanimes em afirmar que existem diferenças entre o ondjango de ontem em relação aos actuais, argumentam eles que, a sociedade actual não valoriza o ondjango por intermédio das suas ocupações pessoais.

Quanto a possibilidade de se voltar a ensinar no ondjango, segundo os questionados responderam de forma favorável.

Essas ideias corroboram com KAVAYA, quando afirma diz: “E com a recuperação e incorporação da cultura ondjangiana na escola formal angolana, é possível recuperar outros tantos valores culturais silenciados pelo colonizador em Angola” (KAVAYA, 2011, p. 13)

Questão 7 e 8. Sobre o que seria necessário para se voltar a dar o valor do ondjango na cultura ovimbundu e pelo estado do povo ovimbundu em termos de hábitos e costumes.

Esta questão tinha como objectivo, procurar saber as ideias da população sobre as acções a serem empreendidas para se voltar a dar valor na escola da ombala (ondjango), explanar também sobre os hábitos e costumes actuais do povo ovimbundu em relação ao passado.

Segundo **IMB2** e **IMB5**, o que se deve fazer é implementar a ideia de tocar em assuntos que refletem a nossa origem até a data actual e ilustrar por intermédio de conhecimentos passados, ou pautar em palestras ligada a cultura com os mais jovens, uma vez que esses constituem a força motriz da sociedade.

Quanto ao estado do povo ovimbundu em termo de hábitos e costumes, **IBM1**, afirmou que, esses hábitos e costumes, encontram-se ameaçados, tudo isso por causa da imitação dos hábitos e costume de outras culturas.

É sabido que uma das grandes causas da mistura de uma cultura são as migrações e a globalização. Como se refere GIDDENS, “a guerra, a migração ou a globalização contemporânea, levaram a que populações iniciassem processos de migração e instalassem em novas localizações”. (GIDDENS, 2010, p. 24).

Dados do segundo questionário

1- Sobre o estado actual do reino do Bailundo e comparação da Ombala de ontem com a actual.

Essa pergunta tinha como objectivo, procurar saber se o reino em causa continua a ter a função tradicional antiga, ou se por influência da dinâmica sociocultural actual mudou alguma coisa no que concerne a tradição.

As respostas dos questionados no que diz respeito ao estado actual do Reino do Bailundo, foram unânimes, pois segundo eles, o reino continua a seguir uma dinâmica razoável.

Quanto a comparação da Ombala de ontem com a dos dias actuais, de acordo com todos questionados, há diferença, porque tanto o poder executivo, legislativo, assim como o poder judicial, em Angola, têm interferido no poder político do reino.

Questão 2 e 3. A frequência da ida de jovens à Ombala de Bailundo a fim de aprender mais acerca da cultura ovimbundu a base do Ondjango e o desempenho da função real do ondjango no Reino do Bailundo.

Essas perguntas juntas tinham como objectivo procurar saber a partir da população alvo, sobre a dinâmica dos jovens na ombala MBALUNDU para a busca de informações

acerca da cultura a base do ondjango do reino ou da ombala e, saber também qual tem sido a posição das autoridades tradicionais quanto a esta situação.

Quanto a essas questões o resultado que se obteve foi o seguinte: segundo **2IMB2**: Não há incentivo que façam os jovens ir aprender mais acerca da cultura ovimbundu;

Já **2IMB5**, afirmou que os jovens actualmente estão mais atraídos pela modernização e pouco se interessam sobre ondjango; com base **2IMB1**, afirmou que talvez haja dinâmica por parte dos jovens, porque ouve-se pouco dos jovens a falarem da cultura e também por questões financeiras, pois para visitar a ombala a fim de obter informações cumpre-se alguns dotes.

No que concerne a função real do ondjango do reino do Bailundo, segundo **2IMB2**, o ondjango no reino do Bailundo não desempenha a sua real função, pois coloca como principal causa a modernização. Corroborando com **2IMB5**, em vez das autoridades tradicionais na ombala esperarem pela visita dos jovens, eles seriam os primeiros a palestrarem sobre o ondjango na sociedade. Não fugindo da mesma afirmação, **2IMB3**, explanou que aqueles que seriam os guias para a sequência da mesma tradição, chegam a ser os primeiros a distorcerem a tradição.

Questionário por entrevistas.

Quanto a esse tipo de colecta de dados, como dito acima, se fez com permissão dos entrevistados, criou-se sigla para descrever cada Capítulo de vista, mas dentro dessas, se fez o destacamento de dois membros da corte real que por sua livre vontade, permitiram-nos citar seus nomes ao fazer citação das informações dadas.

Questão 3 e 4. Sobre a importância do ondjango e sua divisão na ombala do Bailundo.

Essa questão teve como objectivo, saber a função do ondjango, visto que existem muitos ondjango dentro da Ombala Mbalundu, e em contrapartida, nota-se a escassez de informação por parte da camada juvenil. Por outra, objectivou-se em saber qual do ondjango tem sido usado para fazer reuniões e ensinamentos para com os jovens, facilitando o resgate dos valores culturais.

Segundo **3IMB6**, o Ondjango antigamente, era uma faculdade dos mais velhos. Tudo se aprendia no ondjango, pois não havia escolas formais. Depois do jantar, todos os mais velhos e crianças se encontravam no Ondjango.

De acordo com os dados obtidos na entrevista com o soba NGAMBOLE, o ondjango é de extrema importância porque, todo o conhecimento que actualmente os mais velhos apresentam, foi porque antigamente aprendiam no ondjango. Não havia escolas, o ondjango era a universidade dos nossos mais velhos. (NGAMBOLE, 2023).

Por meio da informação recolhida, viu-se que o ondjango, têm uma grande importância na transformação do homem para melhor servir a comunidade.

Segundo dados recolhidos na entrevista do soba KAWENGO,

O ondjango são importantes, porque servem para fazer julgamentos, dar concelhos, e também é onde o soba reúne com todas as franjas da sociedade civil há vezes jovens, mais novos, e com os adultos. (KAWENGO, 2023).

5 PROPOSTAS DE SOLUÇÃO

Nesse Capítulo, por intermédio dos assuntos abordados desde a introdução, apresentamos as seguintes propostas para solucionar os problemas que apresenta a Ombala do Bailundo a respeito do Ondjango:

1. Elaborar artigos que visam divulgar a cultura ovimbundo.
2. Promover palestras no centro cultural Mbalundu que possam influenciar a juventude a valorizar o ondjango.
3. Criar um centro para reuniões e aulas práticas para jovens e crianças, que propicia a aprendizagem da cultura oral no reino do Bailundo.
4. Colaborar com as instituições de ensino, para que possam contratar a autora do presente livro, com vista a dar palestras sobre a cultura ovimbundo nas ultimas sexta-feira de cada mês, sobretudo nas paradas escolares 10 minutos e nos feriados 1h30m.
5. Ao fazer visita à Ombala para obtenção de informações que propiciam a divulgação da cultura por meio de obras literárias, haveria escalões na entrega de donativos, tanto para os que vão em grupo maior ou menor, tanto para os que vão de forma individual, no entanto, registrar-se-ia mais aderências.
6. Marcar reuniões com os membros da corte real do Bailundo para tratar assuntos ligados aos segredos e problemas internos do reino, com objectivo de lembrar que as situações internas poderiam ser resolvidas discretamente e nunca divulgadas a terceiros, pois, o vazamento de informações condiciona o respeito e consideração que o povo teria pelo reino.
7. Criar um centro comercial onde os produtos a serem vendidos tenham somente ligação com a cultura ovimbundo, assim como um centro de artes plásticas em que todos os desenhos possam representar a realidade do passado e actualidade da mesma cultura.
8. Propor ao governo, para que implemente temas ligados aos principais reinos de angola e a importância dos ondjango dentro dos mesmos reinos, a partir da 4ª classe, estendendo-se ao Iº ciclo do ensino secundário. Isso ajudaria a juventude a ter conhecimento sobre os reinos de angola desde criança e dificilmente se registaria a desconsideração da cultura local.

6 CONCLUSÃO

Contudo, os assuntos abordados no decorrer do presente trabalho, tiveram um foco directamente ligado com o povo ovimbundu no Reino do Bailundo e frisou mais sobre o ondjango dentro do mesmo.

O povo ovimbundu é de origem bantu e por intermédio das migrações instalaram-se no centro de Angola uma boa parte, e outros no sul. Este povo, ao se instalar em zonas distante um do outro, foram formando os seus pequenos Estados para que vivessem em harmonia. Dentre esses reinos o maior foi o Reino do Bailundo, considerado como capital dos reinos ovimbundu e que permanece aos dias actuais levando consigo o seu legado como maior representação do povo ovimbundu.

O ondjango na cultura ovimbundu configura-se como um centro vital e de diálogo entre as pessoas «casas de conversas». Funciona como o centro de conhecimento cultural e aconselhamento de jovens, adultos e crianças sobre as situações mais relevantes da vida. Funciona também como casa lei nos momentos de julgamentos das pessoas que cometem quaisquer irregularidades. O ondjango é importante porque, através dele busca-se informações através da convivência de uns com outros. Por meio da troca de conhecimentos possibilita também o amadurecimento intelectual e moral, contribuindo portanto, para o bom convívio social.

Actualmente, em meio aos desafios que a população vem enfrentando e também por meio da globalização, vê-se que o ondjango no Reino do Bailundo deixaram de desempenhar as suas funções no que concerne à sua missão com os jovens e crianças. Isso causa a falta de informação e interesse nos ideais da cultura, pois, é notório como os jovens actualmente desconhecem a sua identidade cultural. Para se ultrapassar tais dificuldades, poderia se criar condições para que haja aulas práticas no reino pelo menos 4 vezes ao mês. Optar também por palestras nos locais onde os jovens mais frequentam, e essa iniciativa dar-se-ia primeiramente pelas famílias e posteriormente em conformidade com as autoridades tradicionais do Reino do Bailundo. O executivo poderia decretar uma lei que regularia a implementação de temas ligados aos reinos, desde o ensino primário, estendendo-se ao primeiro ciclo do ensino secundário. Poderia também facilitar o acesso na busca de informações no reino para as divulgações por meio da literatura, dança, música e outras manifestações culturais.

No entanto, se os Capítulos citados no parágrafo anterior forem levados em prática, facilitará a divulgação, valorização e resgate dos valores culturais e a maior consideração do ondjango como universidade cultural. Evitaria também o excesso de subcultura, o que faz com que os jovens tenham dificuldades em se identificar culturalmente, de igual modo, influenciaria a juventude a respeitar e valorizar às autoridades tradicionais.

7 REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, M. V. **Antroponimia em lingua Umbundu no Bié: Nomes portugueses e umbundu**. Lisboa: Universidade de Lisboa - Faculdade de Letras. 2020.
- FLORENCIO, F. **O reino da Toupeira. Autoridades tradicionais do M'balundu e o estado angolano**. In F. FLORENCIO, **Vozes do Universo Rural: Reescrever o Estado em África** (p. 6 e 9). Lisboa: Centro de Estudos Internacionais. 2010.
- GIDDENS, A. **Sociologia**. 8ª ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 2010
- GOMES, A. J. **Ovimbundu pré-colonial: contribuição ao estudo sobre os planaltos de Angola**. Benguela: Certo- Cacul, Lda. 2016.
- GOURGEL, A. D., & DIFUILA, M. M. **Atlas histórico de Angola**. Belas/ Luanda/ Angola: Plural Editores. 2017
- JOSÉ, N. **As narrativas orais ovimbundu como espaço de produção de sentidoS**. In J. NHAMPOCA, **Kadila: Culturas e Ambientes - Diálogos Brazil - Angola** (pp. 183 - 198). São Paulo: Blucher. 2016
- KAVAYA, M. **Freire e ondjango podem dialogar? Reflexões sobre o diálogo de freire com o ondjango africano/angolano**, 3. 2011
- MARCONI, M. de A. & LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas. 2003.
- MALUMBU, M. **Os ovimbundu de Angola: Tradição - Economia e Cultura organizativa**. Coimbra: Universidade. 2005.
- REIMÃO, C. **A cultura enquanto suporte de identidade**. Revista da faculdade de Ciencias Sociais e Humanas série nº 9. 1996.
- SANJUKILA, E. **Reino do Bailundo: Sua história na resistência tenaz contra o colonialismo português**. Huambo: Revista dados de África. 1997.
- SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense. 2006
- SUNGO, M. L. **O Reino Do Mbalundu: Identidade E Soberania Política No Contexto Do Estado Nacional Angolano Atual**. Florianópolis, Brasil: Florianópolis. 2015.

SUNGO, M. L. O reino Mbalundu: Uma análise sobre a questão da sucessão, autoridade e hierarquia. In Kadila: Culturas e Ambientes - Dialogos Brazil - Angola (pp. 241-274). São Paulo: Blucher. 2016.

FONTES ORAIS

Soba Ngambole, 15-06-2023.

Soba João Kawengo Kassanji, 01-07-2023.

APÊNDICES

GUIÃO DE COMPREENSÃO DA ENTREVISTA

Tema: Proposta de resgate do valor do ondjango como espaço para a divulgação da cultura ovimbundu no reino do Bailundo

Anexo 1. (criação da Autora)

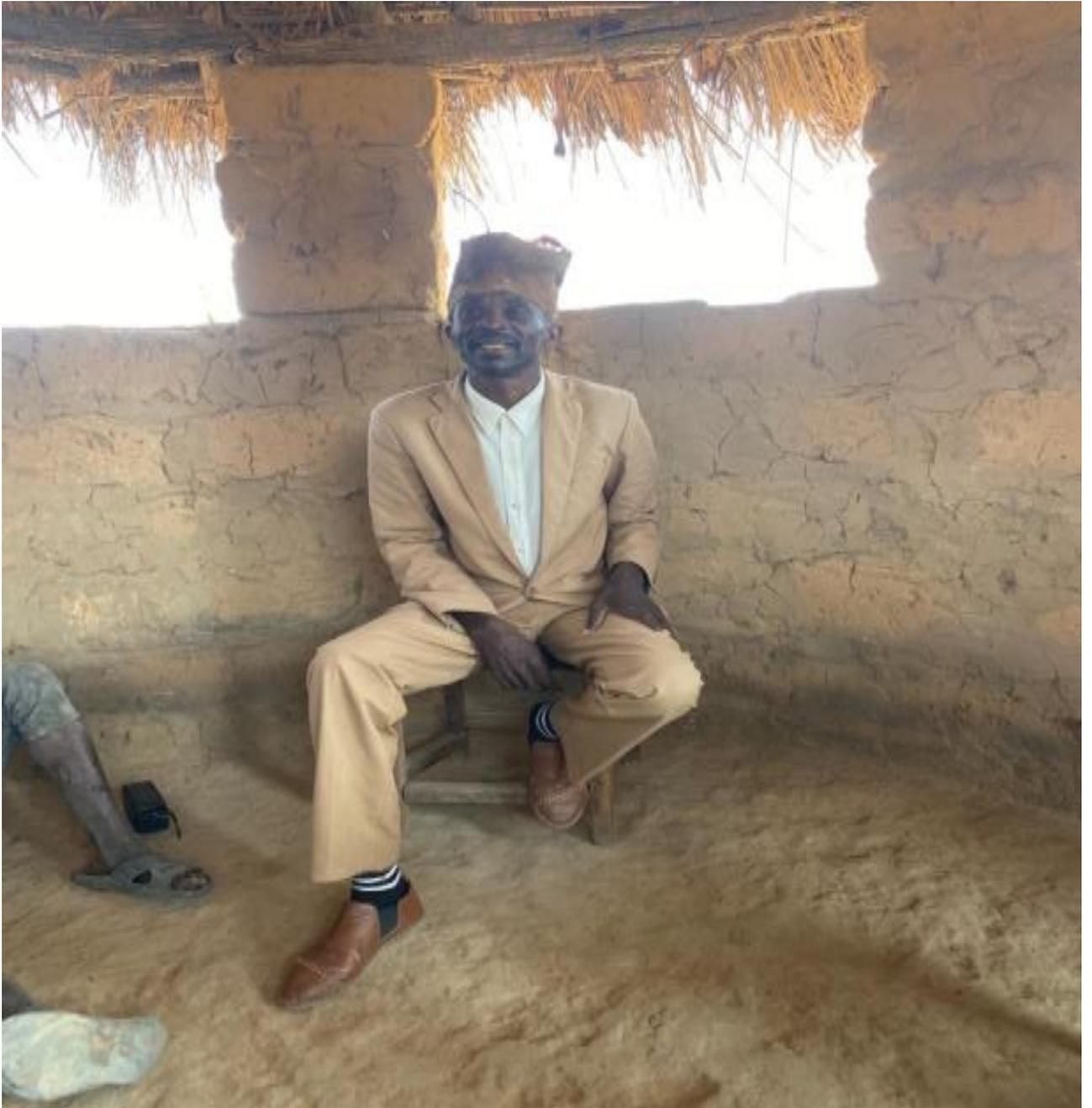
Parte I: identificação		
Blocos	Objectivos	Elementos de identificação
Dados dos inquiridos	Caracterizar o cidadão inquirido	Idade: mais de 40 anos Local: Município do Bailundo Função: Membros da corte real
Parte II: questões		
Blocos	Objectivos	Perguntas
Conceitos de Ondjango	Saber a função do ondjango, visto que existem muito ondjango dentro da Ombala Mbalundu	Sobre a importância do ondjango e sua divisão na ombala do Bailundo.
Origem do Reino do Bailundo	Procurar saber a partir dos entrevistados sobre o que conceituam por reino.	O que entendes por reino?
Origem do Reino do Bailundo	Ouvir dos membros da corte real sobre a antiga localização do reino, assim como o seu antigo nome	Onde ficava localizado o primeiro reino do Bailundo e como era chamado?
Origem do Reino do Bailundo	Entender se há diferença quanto a localização da ombala antiga com a actual do reino Bailundo.	Onde era localizada a primeira ombala do reino do Bailundo?
Contextualização do reino antigo ao actual	Comparar a antiga ombala e a actual em termos de estrutura física	Qual é a diferença da ombala do reino do Bailundo hoje e ontem?
Contextualização do reino antigo ao actual	Procurar saber se ainda são cumpridos os procedimentos culturais de forma rígida.	Qual é o estado sociocultural do reino do Bailundo?
Contextualização do reino antigo ao actual	Saber se as primeiras actividades praticadas pelo povo do reino continuam ser as mesmas.	Em que se dedicava a primeira população do Bailundo? Em quais práticas se dedicam hoje?
Origem do reino do Bailundo	Saber se desde a fundação do município do Bailundo até aos dias de hoje continua o mesmo.	Diga a diferença do Bailundo hoje e ontem.

GUIÃO DE COMPREENSÃO DO QUESTIONÁRIO

Tema: Proposta de resgate do valor do ondjango como espaço para a divulgação da cultura ovimbundu no reino do Bailundo.

Blocos	Objectivos	Elementos de identificação
Dados dos inquiridos	Caracterizar o cidadão inquirido	Idade: 18 até 35 anos Local: Município do Bailundo
Parte II: questões		
Blocos	Objectivos	Perguntas
A: Conceitos de Ondjango	Saber se os inqueridos têm noção do que vem a ser ondjango.	O que entendes por ondjango?
B: Que função tem o ondjango na cultura ovimbundu.	Procurar saber a partir dos munícipes sobre a função do ondjango na cultura ovimbundu.	Qual é a função do ondjango?
C: Importância do ondjango	Entender, até que Capítulo os inqueridos do Bailundo sabem a respeito da cultura de aprender através do ondjango.	Quem deve ensinar e aprender no ondjango?
D: Importância do ondjango	Saber dos cidadãos sobre como entendem a respeito da utilidade do ondjango.	Que importância tem o ondjango na cultura Ovimbundu?
E: Importância do ondjango	Comparar se a importância que se dava ao ondjango ontem, é a mesma que hoje.	Qual é a diferença do ondjango ontem e hoje na cultura ovimbundu?
F: Contextualização do reino antigo ao actual	Analisar quais são as estratégias que os inqueridos acham que devem ser adoptadas para se voltar aos hábitos de aprender a base do ondjango.	Ainda é possível voltarmos aos hábitos de ensinar e aprender no ondjango?
G: Contextualização do reino antigo ao actual	Saber quais são os aspectos essenciais a ter em conta para se voltar a ter a mesma consideração pelo ondjango.	O quê é necessário para se voltar a dar o valor do ondjango na cultura ovimbundu?
H: Origem do povo ovimbundu	Saber dos inqueridos do mesmo reino, se os hábitos e costumes continuam a ser seguidos rigidamente nos dias de hoje .	Qual é o estado do povo ovimbundu em termos de hábitos e costumes?

Anexo 2 (Criação da autora)



Anexo 3.

Imagem do soma Kawengo (membro da corte real do Bailundo) no dia 01 de Julho de 2023.
Tirada pela autora.



Anexo 4.

Imagem do soma Kawengo (a esquerda) e a autora (a direita). 01 de Julho de 2023.



Anexo 5.

Imagem da ombala inene (ondjango do soma Kawengo) foto tirada pela autora, no dia 01 de Julho de 2023.



Anexo 6.

Imagem do soma Ngambole (Ombala yo Mbalundu). Foto tirada pela autora, no dia 15 de Junho de 2023.